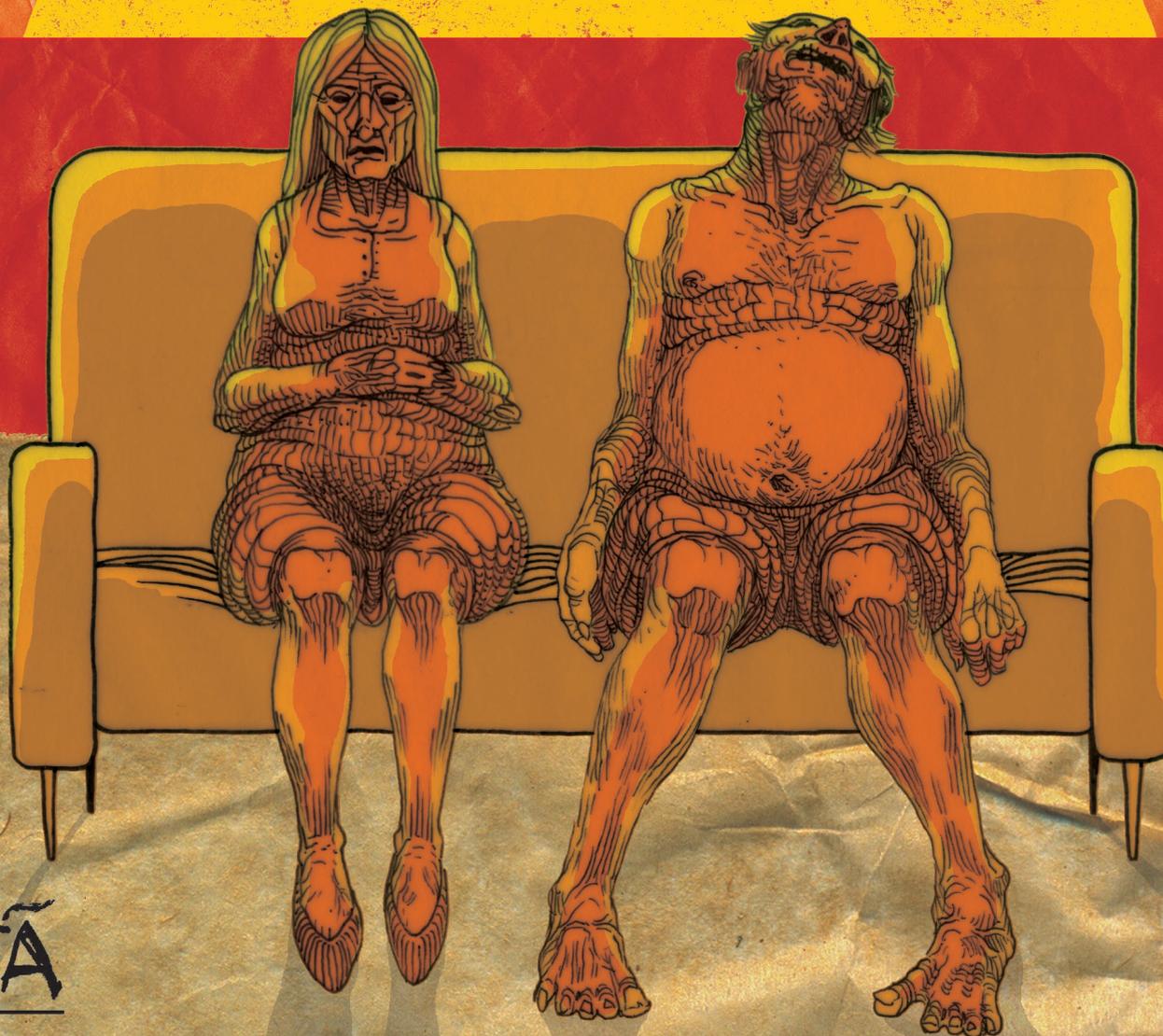


Vinte e cinco anos de *Mar paraguayo*

Admirada por estudiosos e escritores, a obra de **Wilson Bueno**, que mistura português, espanhol e guarani, será publicada na França e nos Estados Unidos



AÑARETÃ

inferno.



Divulgação



Uma das obras mais ousadas e instigantes da literatura brasileira, *Mar paraguayo* completa 25 anos em 2017. Nesta edição o **Cândido** destaca o romance e seu autor, Wilson Bueno. Escrito em uma linguagem híbrida, que mistura português, espanhol e guarani, o livro tornou-se um marco da ficção nacional ao dialogar — temática e esteticamente — com obras icônicas, como *Grande sertão veredas* e *Macunaíma*.

Mesmo esgotado e sem previsão de relançamento no Brasil, o livro segue reverberando, inclusive no exterior. Neste ano, traduções da obra serão lançadas nos Estados Unidos e na França. Tal interesse, segundo os professores ouvidos pela reportagem, provém da mistura de gêneros e linguagens proposta por Bueno. Afinal, a narrativa se baseia em uma zona de fronteira cultural e linguística. É, ao mesmo tempo, romance, novela e poesia.

Autor de 16 livros, Bueno experimentou os mais diversos gêneros literários para compor sua obra. Foi um criador inquieto. O **Cândido** mostra como as obsessões literárias do autor se manifestaram em vários de seus romances, a exemplo de *Meu tio Roseno, a cavalo*, um tributo à genialidade de Guimarães Rosa. Amigo de Bueno na infância, o jornalista e escritor Luiz Manfredini mostra, em primeira mão, um capítulo da biografia romanceada que prepara sobre o autor de *Mano, a noite está velha*.

A edição de maio também traz outros destaques. Paulo Venturelli foi o segundo convidado do projeto Um escritor na Biblioteca em 2017. Autor de 23 livros, o escritor conversou com o jornalista José Carlos Fernandes sobre sua militância literária ao longo de quatro décadas.

O jornalista e tradutor Christian Schwartz, em ensaio inédito, explica como a sátira, gênero praticado por figuras como Jonathan Swift no século XVIII, está presente hoje não só na literatura, mas no discurso político, na publicidade e nas redes sociais. No Brasil, Lima Barreto foi um dos autores que se utilizou da sátira para contestar e ridicularizar questões de sua época. Felipe Botelho Corrêa, pesquisador e professor no King's College London, escreve sobre esse traço, presente em grande parte da obra barretiana.

Já o crítico José Castello reflete sobre a literatura de Ricardo Piglia (foto), morto em janeiro deste ano. A partir do livro *Nome falso*, de 1975, Castello demonstra como o argentino escreveu “ficções que escapam a nossos esforços inúteis de classificação e adestramento”.

Entre os inéditos, a edição traz poema de Ronald Augusto e conto de Otavio Linhares.

Boa Leitura.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:
Rogério Pereira e Luiz Rebinski.

Redação:
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiário:
Luis Izalberti e João Lucas Dusi.

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC
Rita Solieri Brandt | coordenação

Programação visual:
thapcom.com

Colaboradores desta edição:
Christian Schwartz, Felipe Botelho Corrêa, José Castello, Otavio Linhares, Luiz Manfredini, Renato Faccini, Ronald Augusto e Theo Szczeplanski.

Redação:
jornalcandido@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

Acompanhe o **Cândido** pela internet:
candido.bpp.pr.gov.br e facebook.com/jornalcandido

O site www.bpp.pr.gov.br e as redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram) divulgam informações sobre serviços e toda a programação da BPP.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento:
segunda a sexta: 8h30 às 20h
Sábado: 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE

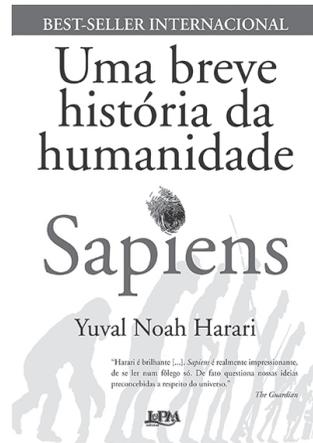
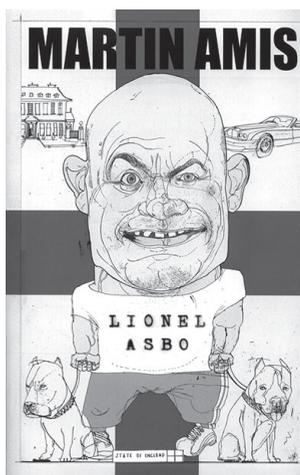
Yuval Noah Harari, L&PM, 2015

Israelense com doutorado em História pela Universidade de Oxford, no Reino Unido, Yuval Noah Harari combina pesquisa e bom humor neste livro que rapidamente se tornou um best-seller internacional. Ao longo de cerca de 400 páginas, ele narra a trajetória do homem sobre a Terra a partir da tese de que o Homo sapiens domina o mundo por ser o único animal capaz de articular cooperações em massa. E vai além: para Harari, esses grandes sistemas de cooperação só são possíveis porque os humanos acreditam em mitos existentes apenas na imaginação coletiva (como o dinheiro, o Direito, as religiões, o mercado, etc). Uma obra envolvente e desconcertante, que mostra como nossa espécie se tornou a “dona” do planeta — e, ainda assim, não se deu por satisfeita.

LIONEL ASBO — ESTADO DA INGLATERRA

Martin Amis, Companhia das Letras, 2013

Lionel Asbo, personagem que dá título a mais um livro impactante de Martin Amis, é uma das figuras mais interessantes da literatura inglesa surgida nos últimos anos. Asbo (o sobrenome equivale ao acrônimo, em inglês, para “condição de comportamento antissocial”) é um hooligan acostumado a praticar pequenos trambiques, vive escoltado por dois pit bulls e tem adoração pela violência e desordem social. Sua precária condição muda quando ele ganha na loteria. O romance é um bom exemplo da verve satírica e picaresca de Amis, autor conhecido pela pluralidade de temas e abordagens em seu trabalho ficcional.



REVISTA LITERÁRIA DA UFMG

Organização: Luis Alberto Brandão e Fernanda Goulart Faculdade de Letras da UFMG, 2016

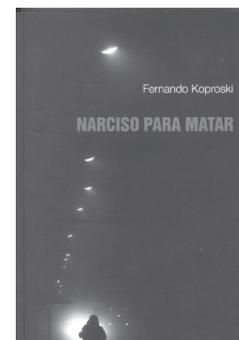
A Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) acaba de publicar uma edição comemorativa dos 50 anos de sua *Revista Literária*. Fundada em 1966, a Revista Literária da UFMG teve 26 edições até 1996 e ainda um último número em 2002. Organizada por Luis Alberto Brandão e Fernanda Goulart, esta antologia é um resumo das 4.500 páginas editadas pelo periódico e traz, entre outros conteúdos, textos de Sérgio Sant'Anna, Humberto Werneck, Maria Esther Maciel, Carlos Herculano Lopes, Guiomar de Grammont e Lucia Castello Branco.



NARCISO PARA MATAR

Fernando Koproski, 7Letras, 2016

Em seu mais recente livro de poesia, Fernando Koproski constrói uma narrativa em verso. O poeta propõe um livro dentro de outro livro e o leitor acompanha, como em um romance, o desenrolar da história de amor e tragédia de Narciso (o jardineiro fiel) e Marina (a musa). O drama elaborado por Koproski também é regado de versos engraçados e mordazes, como neste trecho: “Professores de literatura são atores e atrizes / Não dizem nada que não esteja no roteiro / E sabem tanto de poesia quanto um coveiro / Entendem de cálculo integral e matrizes”. Um livro que dialoga com o melhor da produção poética brasileira nas últimas décadas.



Assis Brasil ministra oficina em maio

De 15 a 17 de maio, a Biblioteca Pública do Paraná promove a oficina “Os elementos básicos da narrativa ficcional (conto, novela e romance)”, com o romancista Luiz Antonio de Assis Brasil. As inscrições, gratuitas, devem ser feitas até 1ª de maio pelo e-mail oficina@bpp.pr.gov.br. Os interessados devem enviar um breve texto de ficção — de uma lauda. Assis Brasil vai selecionar 15 pessoas. As aulas acontecem das 14h às 17h. Mais informações (41) 3221-4917.

Douglas Machado





Paulo Venturelli

DA REDAÇÃO

A leitura é uma das atividades que ocupam a maior parte da vida de **Paulo Venturelli**, 67 anos. Ele comprou um segundo imóvel no prédio onde vive, no bairro Bacacheri, em Curitiba, para abrigar os seus — atualmente — mais de 15 mil livros. Venturelli nasceu em Brusque (SC) e cresceu em uma casa em que não havia livros, o que não foi empecilho para a sua longa trajetória ligada à palavra escrita, à leitura e à criação literária.

Durante a sua participação no projeto Um escritor na Biblioteca, com mediação do jornalista José Carlos Fernandes, Venturelli falou de momentos decisivos de sua trajetória. Como o contato com um professor, o Padre Antoninho, que recomendou ao pequeno Venturelli ler um livro por semana para ser “inteligente na vida”. “Aprendi duas coisas importantes: o valor da leitura e que a inteligência não é algo natural do ser humano. A inteligência se cria. E ela se cria, de forma primordial, por meio da leitura.”

Ventura, como ele é carinhosamente chamado pelos amigos, também comentou o início de sua vida em Curitiba, onde está radicado desde 1974. Inicialmente, frequentava e emprestava livros na Biblioteca Pública do Paraná, até começar a montar sua própria biblioteca — definida por ele como uma defesa contra o mundo. “Na minha biblioteca eu me alimento, escrevo, reescrevo. A minha biblioteca passou a ser o meu planeta.”

Professor nos colégios Sion e Medianeira, ele também lecionou no curso de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) até se aposentar, em 2014. É autor da tese de doutorado *Literatura e homoerotismo em circuito fechado* — *Adolfo Caminha e Silviano Santiago*, defendida em 2001 na Universidade de São Paulo (USP). A partir desse estudo acadêmico, passou a pesquisar as relações entre literatura e homoerotismo. O tema aparece em alguns de seus 23 livros, entre os quais o romance *Madrugada de farpas* (2015) e *Bilhetes para Wallace*, prosa poética prevista para ser publicada ainda no primeiro semestre deste ano.

Venturelli conseguiu ressonância com títulos para crianças, especialmente *Visita à baleia* (2012) — obra que conquistou o segundo lugar no Prêmio Jabuti na categoria Infantil e foi eleita a melhor daquele ano pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Mas ele diz gostar, mais do que tudo, de um

livro de contos que escreveu, *Fantasma de caligem* (2006). “Criei uma série de contos nebulosos, não-realistas e impressionistas. É o meu livro preferido, no qual estou mais inteiro. O livro traz contos fronteiros, em que há personagens que se confrontam com a própria loucura e o próprio descentramento.”

Bibliotecas

A minha primeira relação com uma biblioteca se deu quando eu estava em um colégio interno, em Corupá, Santa Catarina. Naquela época ainda não tinha nenhuma noção do que era literatura ou da própria função da leitura. Então fazia escolhas aleatórias. Mas lembro que nesse período acabei descobrindo Arthur Conan Doyle, autor de Sherlock Holmes, e foi uma paixão imediata. Aquele detetive extremamente inteligente, que de um pequeno detalhe conseguia desvendar todo o labirinto seguido por um assassino, me encantou muito. Eu ficava me imaginando na Inglaterra, com aquele detetive nas noites nebulosas de Londres, seguindo a pista de um assassino. Isso trouxe para minha mente uma natureza de escrita que mais tarde, acho eu, vai florescer num livro que escrevi chamado *Fantasma de Caligem*, publicado em 2006.

Contato com a palavra

Meu pai era operário numa tecelagem em Brusque, cidade de Santa Catarina, e naquela época ele ganhava da empresa onde trabalhava uma revista mensal. Na nossa ignorância, chamá-



vamos de Zezinho — mais tarde, soube que não era Zezinho, mais sim Sesinho, porque era uma revista distribuída pelo Sesi. Nela havia histórias, desenhos com aqueles pontos para você complementar e formar uma figura. Havia páginas com desenho para colorir, curiosidades interessantes sobre o mundo, histórias em quadrinhos, etc. Mas a primeira página era sempre igual: havia um desenho em bico de pena de um senhor bem velhinho, com a mão no queixo, barbudo, de óculos. Aquela imagem chamava muito minha atenção. Só que naquela época eu não sabia ler ainda. Um dia eu perguntei para uma amiga um pouquinho mais velha se ela sabia ler. Ela disse que sim. Então pedi que lesse o que estava escrito na primeira página da revista. E ela começou a ler mais ou menos da seguinte maneira: “Eu sou um velho. Tenho a mão no queixo. Uso óculos. Tenho

uma barba”. Eu era analfabeto, mas não era besta. Logo percebi que aquela leitura estava muito artificial, que não podia ser aquilo. Aí eu mandei ela parar e perguntei: “Você sabe ler mesmo?”. Ela falou: “Não”. Ela tentou me engambelar com aquela história, mas não conseguiu. Foi assim a primeira ligação que eu tive com a palavra escrita, aquele encanto com o texto impresso.

Karl May

Nesse início como leitor, acabei descobrindo um outro autor, um

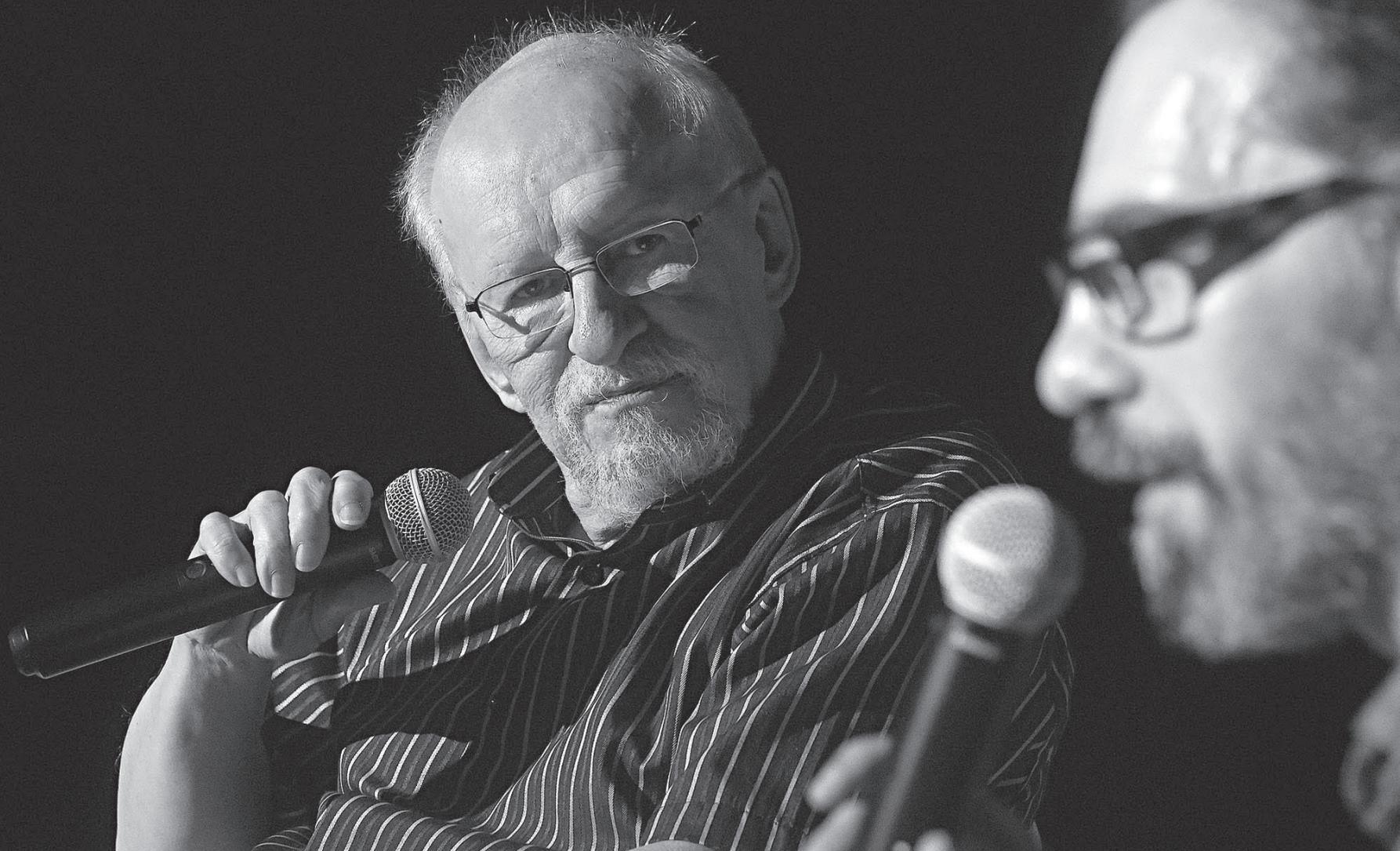
alemão chamado Karl May. Ele vivia numa pequeníssima cidade do interior da Alemanha, nunca saiu de lá, mas escrevia incríveis livros de aventura que se passavam no oeste americano ou no Oriente. Eram catataus de 600, 700 páginas, e eu devorava esses livros porque ficava encantado com aquelas aventuras que se passavam em países exóticos.

Um livro por semana

O momento decisivo, que determinou minha caminhada, teve a parti-



UM ESCRITOR na BIBLIOTECA



cipação de um professor, o Padre Antoninho. Quando eu cursava a sexta ou sétima série do ginásio, ele soltou a seguinte frase durante uma aula de português: “Quem quiser ser inteligente na vida, tem que ler pelo menos um livro por semana”. Aquilo foi um raio na minha cabeça, porque aprendi duas coisas importantes: o valor da leitura e que a inteligência não é algo natural do ser humano. A inteligência se cria. E ela se cria, de forma primordial, por meio da leitura. Comecei a seguir isso à ris-

ca. Mas esse mesmo professor também dizia: “Quando você terminar de ler um livro, não o devolva para a biblioteca, releia a história para ver como a língua funciona, como é construído um parágrafo, como é construída a frase, que vocabulário o autor usa”. E eu passava finais de semana, feriados, copiando capítulos de livros, trechos bonitos que eu havia encontrado. Isso foi me dando intimidade com o português, então comecei a perceber a língua como uma massa de modelagem. Não era aquela coisa

cimentada que a gramática apresentava para mim, era algo que me propiciava uma série de possibilidades. Comecei a ficar cheio de ideias, cheio de fios que eu podia puxar, até que chegou um momento em que precisei colocar aquelas ideias no papel, comecei a escrever, e nunca mais parei.

Defesa contra o mundo

Eu lembro quando vim para Curitiba estudar Letras. Não tinha nenhuma condição financeira para com-

prar livros, então vinha a esta biblioteca. Sentava em uma sala que tinha uma mesa grande, nessa ilha de silêncio que é a Biblioteca Pública no meio do tumulto urbano, e lia muitos livros. Lembro que tentei ler *Ulysses*, do James Joyce, aqui na Biblioteca, mas na época eu não tinha nenhum aparato teórico, nenhum aparato de reflexão para entender a complexidade desse romance, e acabei não indo muito longe. Mas li outros livros, e hoje em dia, na minha própria biblioteca pessoal, prolon-



go essa experiência de estar diariamente cercado de livros por todos os lados, que é o meu mundo, que é a minha defesa contra o mundo, que é a minha reclusão contra tudo o que está aí. Na minha biblioteca eu me alimento, escrevo, reescrevo. A minha biblioteca passou a ser o meu planeta.

Apartamento para livros

No Brasil causa espécie alguém como eu, que mantém um apartamento quase que exclusivamente para

guardar 15 mil livros. Se fosse num país europeu, creio que isso não propiciaria nenhum espanto, porque lá é muito comum que as pessoas tenham os seus livros em casa. Então, esse espanto das pessoas em relação à minha biblioteca é algo sintomático. Não é comum no Brasil ter isso, infelizmente. Em nosso país é realmente um ponto fora da curva alguém ter livros, alguém investir em livros e, principalmente, investir num apartamento para guardar livros.

Método de leitura

Eu normalmente acompanho os lançamentos de livros por jornais, revistas e pelos newsletter das editoras. Não sou muito de ler resenha, porque a resenha já prepara minha cabeça para a história que vou ler. Não leio nem ouvia antes. Tenho um caderno chamado “Livros para aquisição”, onde anoto o título do livro, o autor, a editora, o número de páginas, o preço, etc. Sou um rato de livraria. Vivo indo em livrarias, sebos e, volta e meia, encontro maravi-

lhas. Prefiro passar fome, mas não deixar de comprar livros.

Culpa católica

Minhas raízes estão em Brusque, onde passei a infância. Meu pai acordava às 4h da manhã, e eu escutava o despertador fazer aquela “bimbaiada” de madrugada. Ele se levantava, começava às 5h e trabalhava até as 13h. Isso é uma lembrança muito importante na minha vida. Muitas vezes, sinto uma culpa his-



UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

tórica por viver uma vida relativamente burguesa, me dar o luxo de ter um apartamento para livros, discos, obras de arte. Na minha cabeça, por mais que eu racionalize isso, vida era aquilo que o meu pai vivia. Isso que eu estou vivendo, toda a trajetória que eu tenho como professor, escritor, palestrante, parece que tudo isso é meio fora de contexto, que para ser verdadeiramente um trabalhador eu deveria ter seguido os caminhos do meu pai, a trajetória que a maioria esmagadora de meus parentes seguiu. O fato de eu ter ido para um seminário católico também foi determinante — seja no sentido positivo, pois ali eu descobri a literatura e comecei a escrever, ou negativo, já que a religião católica é a religião da culpa, do remorso, do desprezo ao corpo e à sexualidade, uma criação medievalesca de tabus e preconceitos. Tudo isso me marcou muito. Claro que ao longo do tempo, com as terapias que fiz, fui me desvincilhando dessas coisas. E muitas vezes procuro escrever um texto, digamos assim, não-ortodoxo, algo que vai contra esses princípios que me modelaram, como uma espécie de uma doce vingança histórica contra tudo aquilo que me reprimiu.

Madrugada de farpas

Nesse romance, publicado em 2015 pela Arte&Letra, procurei fazer um diálogo com o *Bom crioulo*, do Adolfo Caminha. O livro conta a história de paixão entre dois estudantes de Letras: o Israel, que é o loirinho bonito, burguesinho de Santa Felicidade [bairro de Curitiba], e o Obadiah, que é nordestino, negro e pobre. Quando me propus a escrever, comecei a me perguntar: como é a realidade desses meninos que vivem esse tipo de experiência? Aí me meti pela noite, fui entrevistar 24 meninos, que é um número ícone, e gravei entrevistas com eles, para saber as experiências e coisa e tal,

“ No Brasil é realmente um ponto fora da curva alguém ter livros, alguém investir em livros e, principalmente, investir num apartamento para guardar livros.”

e em cima disso eu tirei alguns subsídios para a escrita do romance.

Pesquisa

O escritor não pode ficar encerrado numa torre de marfim. Esses dias eu estava caminhando com meu cachorro, o Nino, que é um poodle muito fofo, quando me veio a ideia: que tal escrever o diário de uma prostituta? Aí já comecei a maquinar na minha cabeça, fiz umas anotações. Mas, obviamente, se eu chegar a levar esse projeto à frente, vou ter que ir a campo de novo, entrevistar prostitutas, travestis, falar com esse esse povo da noite que vive uma faceta da cidade que muitos não querem ver.

Literatura homoerótica

Meu interesse pelo assunto começou quando eu era estudante e trabalhava em uma empresa à noite, alimentando computadores. Eu morava na Casa do Estudante, perto do Passeio Público, ia com outros amigos para o trabalho e voltávamos de madrugada. Um dia, um amigo me perguntou: “Venturelli, já que você gosta de teatro, de literatura e coisa e tal, me explica uma coisa. Por que todo artista é viado?”. Aquilo fez um eco na minha cabeça. Pensei comigo, isso é uma pergunta no mínimo preconceituosa. Mas fiquei com isso na minha cabeça e decidi que um dia iria estudar o assunto, ver qual é o índice de homossexualidade no meio artístico.

Na universidade

Em 1990, quando entrei na Universidade Federal do Paraná, precisava fazer imediatamente um mestrado. Por coincidência, estava lendo um livro do João Silvério Trevisan, chamado *Em nome do desejo*, uma história passada em um seminário, sobre dois garotos que se apaixonam. É um romance meio complicado, porque mistifica muito a homossexualidade, meio que sugere que o único amor possível é o que acontece entre pessoas do mesmo sexo. Em lugar de fazer uma dissertação elogiosa, eu fiz uma dissertação que desconstruía o romance — tempos depois fiquei sabendo que o João Silvério Trevisan estava me odiando, me criticando, falando poucas e boas ao meu respeito, mas tudo bem. Como eu havia feito uma pesquisa muito grande a esse respeito, e não havia encontrado ainda uma resposta para aquilo que eu queria, resolvi continuar o doutorado com essa temática. Aí estudei o livro *Bom crioulo*, de 1885, do Adolfo Caminha, que é o primeiro romance, entre aspas, gay da nossa literatura. Juntamente, estudei um romance de 1985, *Stella Manhattan*, do Silviano Santiago. Aí usei muito daquela pesquisa que eu já havia feito, aprofundei a pesquisa, mas não cheguei a uma resposta definitiva.

Fantasmas de caligem

Caligem é o nome desse nevoeiro presente em Curitiba. A partir disso, criei uma série de contos nebulosos, não-realistas e impressionistas. É o meu livro preferido, no qual estou mais inteiro. O livro traz contos fronteiros, em que há personagens que se confrontam com a própria loucura e o próprio descentramento. Foi publicado pela Travessa dos Editores, mas infelizmente não foi distribuído. Acho que se esse livro tivesse sido distribuído a contento, ele e eu teríamos tido alguma ressonância em âmbito nacional por causa do estranhamento da obra. A literatu-

ra brasileira contemporânea anda muito realista, muito naturalista e quase se confunde com jornalismo. Os escritores brasileiros, em sua maioria, exploram as realidades torpes do cotidiano, tudo o que a gente já conhece da televisão e do jornal. Também falta muita criatividade de linguagem e de temática em grande parte das obras literárias brasileiras. Já em *Fantasmas de caligem*, procuro quebrar esse círculo vicioso trabalhando com temas que não são corriqueiros, muito menos aprazíveis e em muitos casos absurdos.

Bilhetes para Wallace

Bilhetes para Wallace é um livro de poemas em prosa que a Kotter Editorial, selo aqui de Curitiba, publica ainda neste ano. É uma obra homoerótica. Um personagem perdeu o seu companheiro e, para não ficar sozinho num sábado à noite, busca um acompanhante na internet — o acompanhante se chama Wallace. Essa relação é breve, mas intensa. O garoto de programa acaba marcando muito a existência desse personagem, que escreve bilhetes para esse Wallace, que na realidade são os poemas do livro. Trata-se de um registro densamente erótico, mas que extrapola o homoerotismo. Tem a ver com o erotismo humano, independentemente de rótulos. Tem a ver com a perda, com o desejo, com o corpo e com a saudade.

Leitor 24 horas por dia

O autor só é autor se for um exímio leitor. Eu sou um leitor 24 horas por dia, mesmo quando eu não estou lendo, estou lendo. Mesmo quando não estou escrevendo, estou escrevendo. Estou de butuca em tudo. Assisto a um pouco de televisão, gosto muito de filme, de música e de pintura. Uma cena, uma melodia ou uma imagem podem me levar à escrita. Toda manhã, a primeira coisa que faço é ler poemas. Nesses poemas, um verso, uma imagem ou



uma palavra pode detonar o processo criador na minha cabeça e, então, eu escrevo. Quando estou lendo um livro muito ruim, me pergunto: “Por que eu estou perdendo meu tempo lendo essa porcaria, quando há tanta coisa boa pra ler?”. Mas vou até o fim. Por outro lado, quando leio um livro excelente, maravilhoso, fantástico, penso: “Por que não fui eu que tive essa ideia?”. Morro de dor de cotovelo, mas me apaixono pelo autor e pelo livro. O maior escritor bra-

“ O autor só é autor se for um exímio leitor. Eu sou um leitor 24 horas por dia, mesmo quando eu não estou lendo, estou lendo. Mesmo quando não estou escrevendo, estou escrevendo. Estou de butuca em tudo.”

sileiro contemporâneo acabou de morrer: é o João Gilberto Noll. Trata-se de um escritor de primeiríssima grandeza que morreu praticamente esquecido em Porto Alegre. Não houve nenhuma homenagem, nem matéria no Jornal Nacional. Mas se o Neymar machucar o dedinho do pé esquerdo durante um treino, daí é destaque no Jornal Nacional. Nada contra o Neymar, adoro aquele bichinho jogando porque também sou apaixonado por futebol. Mas o João Gilberto Noll, um escri-

tor que rompe com tudo, merecia mais destaque, não só na morte, mas ainda em vida. Ele rompe inclusive com o conceito de leitura. Você não pode ler um livro do Noll de uma forma tradicional. Ele quebra com a figuração do personagem, do enredo e das ações. O Noll morreu, já foi enterrado. Tomara que a obra dele fique. Eu estava esperando por um novo livro dele, que não veio. O que chegou foi a morte, o que não é algo muito novo. ■

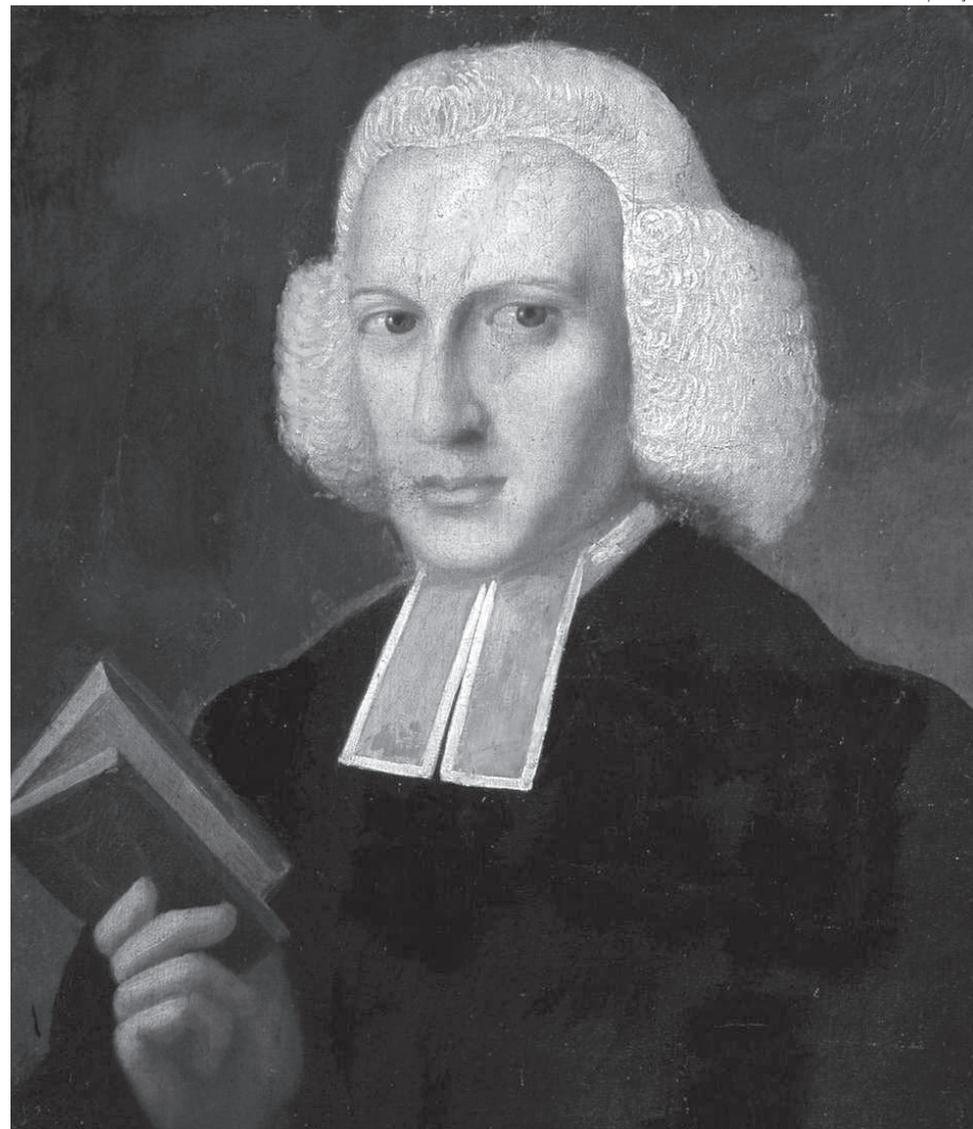
Antídoto para a realidade

Gênero praticado por autores clássicos como Laurence Sterne, a sátira transcendeu o campo literário e se tornou um instrumento contra a radicalização dos discursos neste início de século XXI

CHRISTIAN SCHWARTZ

Há épocas mais interessantes que outras. Guerras, revoluções, convulsão social: boa literatura pode surgir daí — o “breve século XX”, na expressão do historiador britânico Eric Hobsbawm, foi sobretudo um século sangrento. Mas teve seus momentos de modorra: por exemplo, o pós-Segunda Guerra americano, um oásis de prosperidade — tanto material quanto moral — para os vencedores do conflito, praticamente intocados em seu território e líderes incontestes da salvação da Europa e do mundo. No entanto, a monotonia de subúrbios arrumadinhos, famílias exemplares e bens de consumo abundantes e ao alcance de quase todos gerou, entre outras manifestações da chamada contracultura, a literatura *beat* de autores como Kerouac e Burroughs.

Neste início de século XXI, enquanto deixa definitivamente para trás o marasmo da prosperidade (e a ilusão desvairada do “fim da História”), a mesma América volta a ser o epicentro de manifestações artísticas e intelectuais em reação direta à mudança de ventos na política e na sociedade em geral. Como em outras passagens históricas cuja tônica foi a da radicalização dos discursos, é a oportunidade perfeita para a entrada em cena de um gênero literário bastante peculiar: a sátira. Conforme apontou em texto recente um talentoso adepto desse tipo de romance, o inglês Jonathan Coe: “O momento clama por absurdo, caricatura e avacalhação, pois são essas as únicas formas de capturar a realidade atual — [de encontrar] a tão necessitada clareza moral nessa hora, uma imagem de cartum que sirva de atalho, imediato e sem rodeios, para a verdade”.

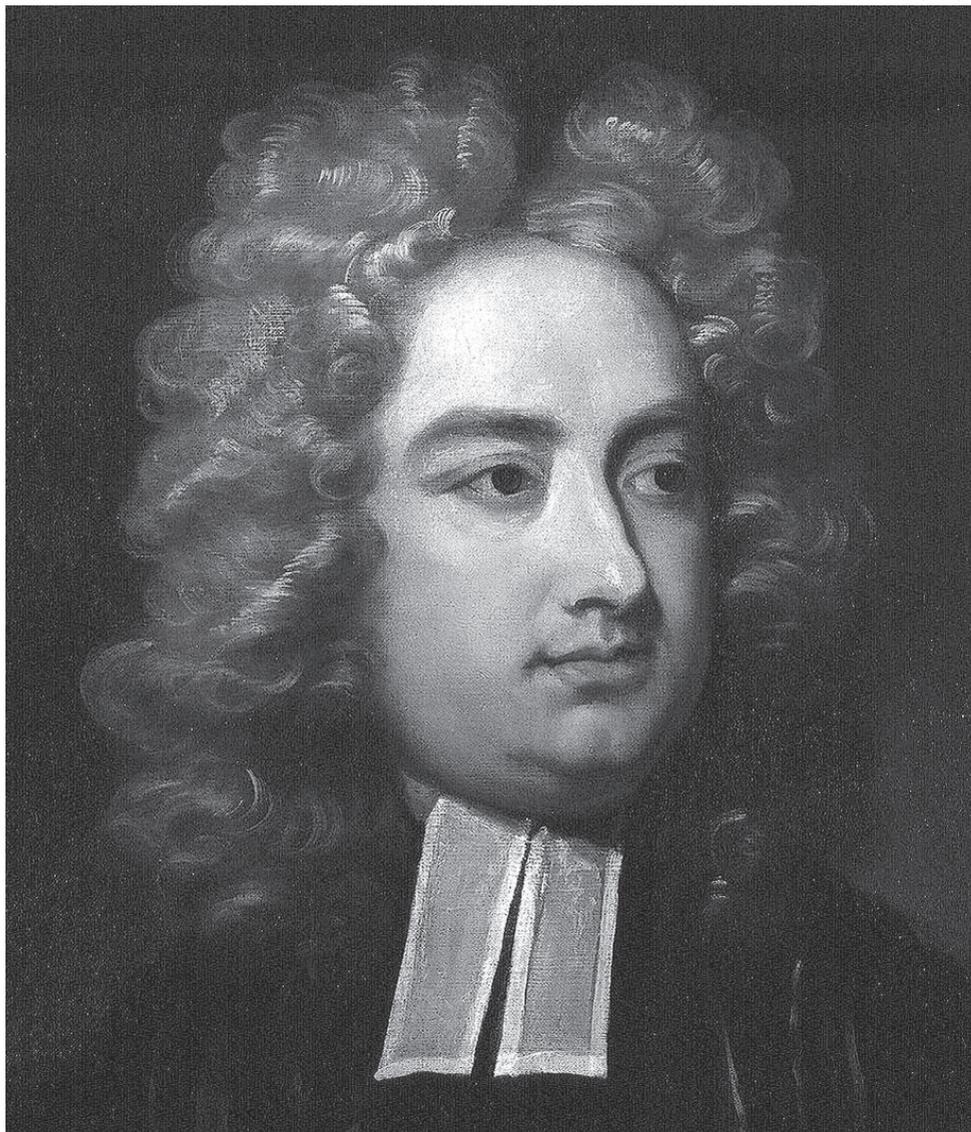


Jonathan Swift (1667-1745), autor do clássico *Viagens de Gulliver*, foi um expoente da sátira. Entre seus livros polêmicos, destaca-se *Um argumento contra a abolição do cristianismo*, sobre questões religiosas de seu tempo.

Sterne e Swift

De fato, 2017 teria ainda outros bons motivos — afora a histriônica elevação de Donald Trump ao trono de homem mais poderoso do planeta — para ser considerado o ano da sátira. Nas ilhas britânicas, berço moderno do gênero, duas efemérides literárias celebram autores e obras satíricas: primeiro, os 250 anos da data em que se concluiu, em 1767, a publicação em volumes do *Tristram Shandy*, de Laurence Sterne (clássico disponível no Brasil na tradução não menos clássica de José Paulo Paes para a Companhia das Letras); e,

Reprodução



Autor tardio, Laurence Sterne (1713-1768) publicou *A vida e as opiniões do cavaleiro Tristram Shandy* em sua última década de vida. O romance brinca com as convenções narrativas tradicionais e traz um humor desbocado.

mais para o fim do ano, em 30 de novembro, os 350 anos de nascimento, em Dublin, de Jonathan Swift, outro autor satírico de primeira hora e grandeza — bastaria lembrar suas *Viagens de Gulliver* (aqui também o leitor brasileiro conta com uma tradução excelente, a de Paulo Henriques Britto para a Penguin Companhia).

Mas certamente também entram nessa lista gerações mais recentes de escritores satíricos, como a de Alan Bennett (*Uma real leitora*, Record) e David Lodge (esparsamente publicado no Brasil, mas vale a pena o esforço de ler no

original sua *The Campus Trilogy*, abordagem hilária de outro tipo de poder: o do *establishment* acadêmico), ambos já na casa dos 80 anos; ou a leva de autores hoje com seus 50 e tantos, entre os quais o já citado Jonathan Coe — de *O legado da família Winshaw*, Record, melhor sátira da guinada à direita anterior à atual, nos anos 1980, e mais recentemente de um romance divertidamente antecipatório do horror que assola esta Era Trump, *Number 11*, por enquanto sem tradução para o português. Por fim, ainda na Inglaterra, em 2016 o Booker Prize, principal prêmio literário de língua inglesa, foi concedido a um romance que satiriza sem piedade as relações raciais nos Estados Unidos, *The sell-out* (também aguardando tradução), de Paul Beatty — primeiro americano na história a levar o Booker, muito sintomaticamente.

Discurso político

Sim, nossa época, como outras cuja tônica pode ter sido a da violência em massa ou da modorra transformada em revolução de costumes, quem sabe não fosse a da invasão da realidade pelo surrealismo — uma divertida epopeia do absurdo, da caricatura e da avacalhação, como pede Coe. Seriam tempos, a seu modo, interessantes (para lembrar outra expressão de Hobsbawm, usada para definir como ele, pessoalmente, viveu — e contou na autobiografia de



Fotos: Divulgação



Adepto da sátira, o inglês Jonathan Coe diz que “O momento clama por absurdo, caricatura e avacalhação, pois são essas as únicas formas de capturar a realidade atual”.

mesmo título — o século passado). Mas alguma coisa parece estar mudando na própria natureza da sátira como discurso público, conforme notou recentemente a ensaísta Emily Nussbaum, da revista *New Yorker*: “A comédia podia ser um negócio cruel ou idiota, mas, no geral, era uma declaração de rebelião. Só que em 2016 a roda de repente passou a girar no sentido contrário: agora era o valentão neofascista quem tinha o microfone na mão e um exército de anônimos divulgadores de piadas de mau gosto que o ajudaram a ser eleito”.

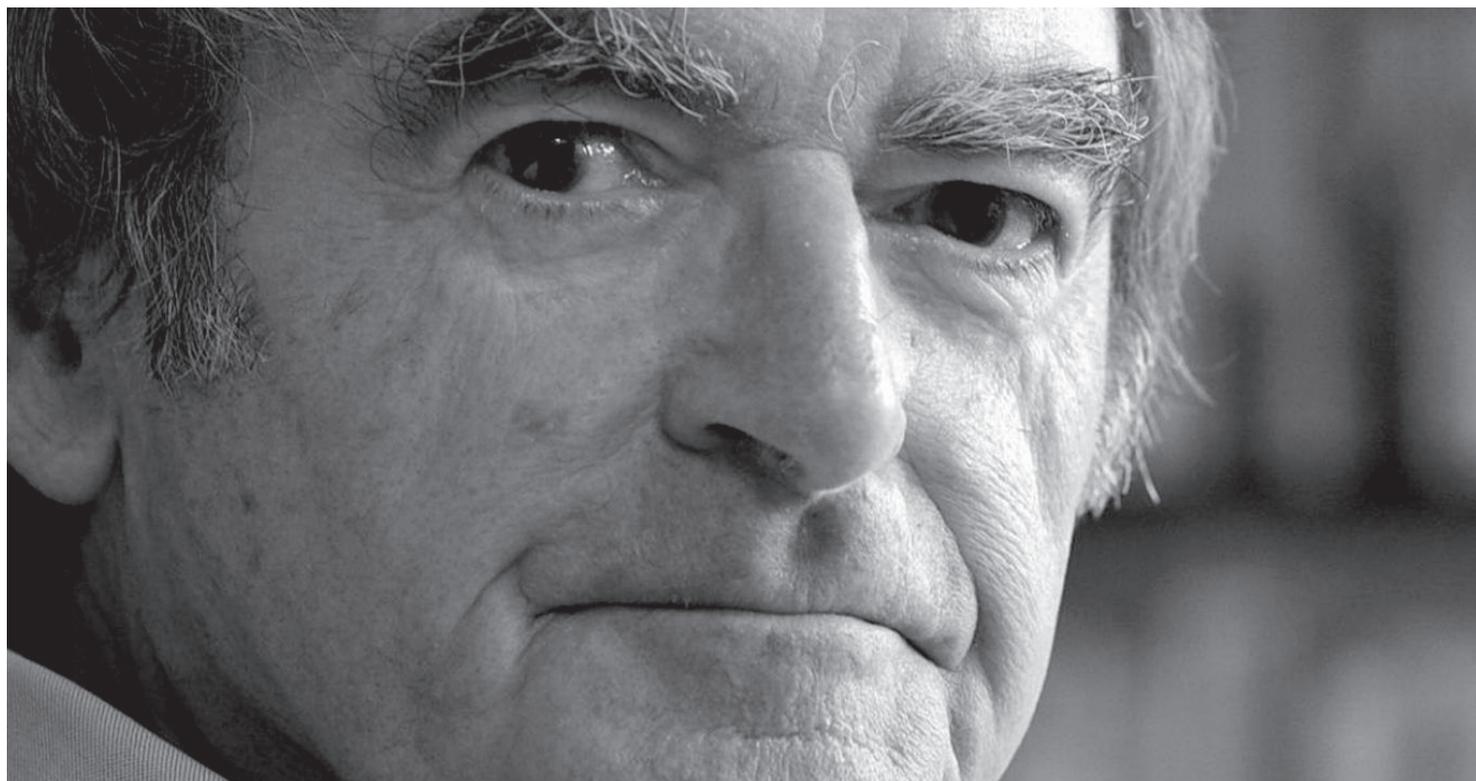
Quem precisa de comediantes?

No texto, apropriadamente intitulado “Como piadas ganharam a eleição”, Nussbaum repassa tudo aquilo a que temos assistido atônitos ultimamente — e a conclusão não é nada animadora para quem ainda acredita no potencial subversivo da expressão artística, especialmente a que faz rir dos poderosos: “[Na recente eleição ameri-

cana] Anúncios ganhavam cara de notícia, assim como peças de propaganda política, assim como números de comédia propriamente ditos, tanto no campo da direita quanto no da esquerda — e qualquer combinação desses quatro elementos [notícias falsas, anúncios, propaganda política e comédia] acabou rotulada como ‘sátira’”.

Esse estado de coisas foi o que levou Coe, novamente, a constatar: “O problema de quem faz sátira hoje, porém — e eu mesmo, como um praticante ocasional do gênero, sinto isso de forma aguda — é, para começo de conversa, ter de competir com a realidade”. Provavelmente sem saber, o romancista inglês entoava um velho bordão conhecido do distinto público (para não falar do eleitorado) brasileiro: com esses nossos políticos, quem precisa de comediantes?; ou, conforme o velho clichê, o Brasil seria o tal país da piada pronta. Coe, aqui expressando uma preocupação artística, embora pudesse perfeitamente estar falando da estupefação do cidadão comum, termina por perguntar: “O que ainda resta ao escritor satírico?”.

Escolados que somos nessa confusão entre a dura realidade e o absurdo cômico, talvez tenhamos justamente entre nós, no Brasil, um dos grandes expoentes da sátira em todos os tempos, morto há quase um século: Lima Barreto. Uma amostra saborosa dessa vertente da produção do autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* aparece numa coletânea lançada no ano passado, *Sátiras & outras subversões* (Penguin Companhia) —



David Lodge é autor de *The campus trilogy*, abordagem hilária do *establishment* acadêmico.

textos até então inéditos, muitos publicados sob pseudônimo em jornais e revistas cariocas do início do século XX. Sobre sua própria militância na sátira, Lima Barreto escreveu, epigramaticamente: “O ridículo mata e mata sem sangue” (leia um dos textos satíricos do autor na página 36).

Organizador do volume de inéditos de Lima, Felipe Botelho Corrêa, pesquisador brasileiro radicado em Londres, é quem explica, em texto para esta edição do **Cândido** (leia na página 14): “Matar pelo ridículo, sem sangue, somente pela sagacidade, era uma maneira de sensibilizar a sociedade de sua época sobre certos aspectos que, segundo Lima Barreto, os fatos por si sós não podiam comunicar”, comenta o professor sobre o epigrama de Lima. “A sátira, nesse sentido barretiano, é um engajamento com o contexto ao redor através de uma perspectiva ou de um comentário que forneçam uma interpretação para o leitor.”

Riso sectário

Pois falando de interpretação, jamais um fenômeno trivial, é que voltamos ao dilema atual da sátira — na verdade, recorrendo ainda a Jonathan Coe, um dilema permanente, apenas potencializado pelo estranho tempo em que vivemos: “Um dos eternos paradoxos da sátira é só proporcionar prazer àqueles que de antemão compartilham dos mesmos pontos de vista”. Quem quer que, imprudentemente, tenha se engajado na prática amadora da sátira em alguma rede social, ainda que apenas para compartilhar aquele tuíte ou post espirituoso, sabe bem o quanto o riso atualmente se tornou, mais do que partidário, sectário — e, no limite, censurado pelo delírio coletivo do politicamente correto.

Para voltar uma última vez ao autor de *O legado da família Winshaw* e *Number 11*: “E se isso significar que caminhamos para o fim da era do humor? Difícil pensar em algo mais desastroso”. É do próprio Coe, porém, que se pode angariar alguma esperança. A entrevista que concedeu ao autor deste texto já tem quase uma década, mas algumas frases inspiradas ditas ali, e por um dos grandes da literatura satírica contemporânea, bem podem servir de farol para um tempo que se anuncia sombrio, para não dizer simplesmente sem graça.

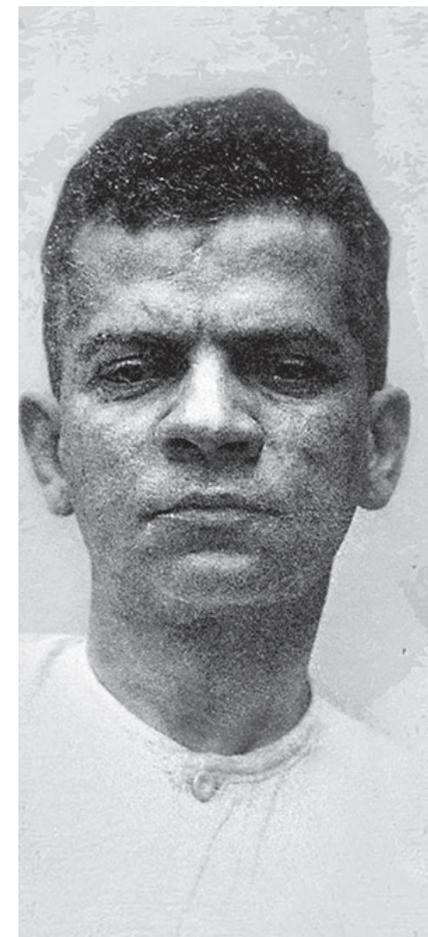
“Escrever um romance sério (o que inclui, evidentemente, bons romances cômicos) é um ato político, na medida em que é uma tentativa de criar um lugar temporário

onde o sujeito individual pode pensar e imaginar livremente”, refletia Coe, para então concluir, luminoso: “A única responsabilidade de um romancista — e uma responsabilidade muito grande — é a de ampliar a capacidade de imaginação dos leitores. Essa é minha noção do papel político de um escritor, no dias de hoje”. ■



Christian Schwartz nasceu em Curitiba (PR), em 1975. Estudou língua e literatura francesas na Universidade Paris IV (Sorbonne), na França, e cursou pós-graduação em literatura na University of Central England (UCE), em Birmingham, etapa de sua formação concluída na UFPR com um mestrado em Estudos Literários. Traduziu autores como Jonathan Coe, Nick Hornby, Philip Roth e Nathaniel Hawthorne. Schwartz atualmente vive na Inglaterra.

MATAR PELO RIDÍCULO, SEM SANGUE



O professor **Felipe Botelho Corrêa** explica como Lima Barreto se valeu da sátira para contestar os valores de sua época. O pesquisador da King's College London reuniu 164 textos do autor de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* no volume *Sátiras & outras subversões*, material originalmente publicado em periódicos e até então inédito em livro

Desde o princípio de sua carreira como escritor, Lima Barreto optou por produzir uma literatura subversiva que é, em grande parte, de base satírica. A sátira para ele tinha a potência de ser combativa, revolucionária e mortal no âmbito das ideias e das práticas daquele começo de século XX. Em um de seus textos para a revista *Careta*, ele afirma:

A troça é a maior arma de que nós podemos dispor e sempre que a pudermos empregar é bom e é útil.

Nada de violências, nem barbaridades. Troça e simplesmente troça, para que tudo caia pelo ridículo.

O ridículo mata e mata sem sangue.

É o que aconselho aos revolucionários de todo o jaez. [...]

Assim é que todos devemos fazer.

Troça, troças, sempre troças.

Já é bastante conhecida a faceta da obra de Lima Barreto que fazia uso de recursos estéticos do realismo, como nos momentos em que expressa simpatia por camadas sociais desfavorecidas que pouco apareciam na literatura que ficou conhecida como “sorriso da sociedade”, na expressão de Afrânio Peixoto — literatura essa que prevalecia na época e que Lima Barreto tentava subverter a todo custo. Sua constante intervenção literária tinha, contudo, uma outra face, aquela da antipatia e do combate que fazia uso da sátira para ridicularizar os seus alvos.

Matar pelo ridículo, sem sangue, somente pela sagacidade, era uma maneira de sensibilizar a sociedade de sua época sobre certos aspectos que, segundo Lima Barreto, os fatos por si sós não podiam comunicar. A sátira, nesse sentido barretiano, é um engajamento com o contexto ao redor através de uma perspectiva ou de um comentário que forneçam uma interpretação para o leitor. É por isso que a caricatura para ele tem mais potência que a evidência fotográfica: para Lima Barreto, a caricatura, como elemento satírico, fornece mais ferramentas de intervenção subversiva tanto através de imagens como através de textos, como era o seu caso.

O sentido de subversão ao qual aqui nos referimos é aquele da tentativa de transformar a ordem social estabelecida e suas estruturas de poder, autoridade e hierarquia, revertendo ou contradizendo os valores correntes. No âmbito da obra de Lima Barreto publicada em revistas populares, o ímpeto subversivo aparece tanto na sátira, que é elemento predominante, como em outras estratégias, como a já mencionada simpatia pelas camadas mais baixas da sociedade, além da crítica política contundente, dos comentários sociais que nadavam contra a corrente e de uma literatura que se fazia e se queria deliberadamente popular e acessível.

Lima Barreto fez de sua obra um constante esforço de atuação pública, uma voz que buscava ser escutada não somente nos círculos acadêmicos e literários de sua época, mas também, e principalmente, fora deles. Seu ideal era o de contagiar seus leitores através de uma voz dissonante em relação aos ideais de uma suposta “belle époque” naquele começo de século. Para ele, a literatura tinha a missão de sensibilizar os diferentes atores sociais em busca de um sentimento de solidariedade mútuo, que se traduziria num projeto de sociedade que levasse em conta o processo histórico do Brasil, sua condição pós-colonial e o contexto das primeiras décadas após a abolição da escravidão e da proclamação da República.

Essa complexa obra, marcada por um profundo comprometimento com a vida pública do país através de sua capital, tornou-se um marco não só para quem estuda o início do período republicano, mas para qualquer um que tenha interesse em entender o Brasil. Trata-se hoje de uma importante referência de pensamento crítico sobre a sociedade do começo do século XX e suas reminiscências. Seus textos são estudos, ainda que muitas vezes em formas breves, que convidam o leitor a pensar sobre as condições históricas da sociedade brasileira. ■

 **Felipe Botelho Corrêa** é doutor pela Universidade de Oxford, pesquisador e professor no King's College London. Organizou *Sátiras & outras subversões* (Penguin Companhia, 2016). Vive em Londres.

CONTO | OTAVIO LINHARES

Ilustração: Renato Faccini





HE, RO IS

por um tempo conviver com a violência foi fácil. a piazzada só se orgulhava dos que davam porrada. dos que botavam os outros pra correr. é que não importava apanhar ou bater. importava sair na porrada. um dia você batia e no outro você apanhava. só que os mestres eram aqueles que só batiam e nunca apanhavam. esses eram os idolatrados. os intocáveis. havia uma certa mística como que uma aura no entorno desses piás. cada um tinha um apelido que vinha de uma deficiência do próprio corpo ou de uma característica que fosse muito marcante e que muitas vezes era seguido do nome do bairro em que moravam. o zóio da vila izabel. o perna do fanny. o cavêra do cic. o irmão do nêgo do água verde. tenho um tio que vendeu maconha um tempo junto com o irmão do nêgo do água verde. a tia conta que ele até foi preso uma vez. eu não tinha nascido ainda. foi só quando ele começou a vender pra sobrinharada que a família caiu de pau. nunca comprei dele. nunca fumamos juntos. e nem me liguei que ele podia ter sido um traficante avião ou coisa parecida. foi ele que me ensinou que se passasse cocaína no baseado a gente tinha que chamar de cabral. ele sempre fumava um cabral pra baixar a lombra. algumas vezes cheguei na casa dele e ele estava chapiros no sofá vendo uma tela. ele adorava ficar chapado na frente da tv porque o movimento dos desenhos animados criam outros desenhos animados e assim sucessivamente por horas a fio dentro da cabeça até apagar e acordar no outro dia e começar tudo de novo. o gato tom é o meu favorito. ele diz. repara como ele sempre se fode mas no fim acaba tudo bem. faz tempo que não vejo o tio. a última vez foi quando um policial civil famoso por roubar a piazzada que voltava das festinhas durante a madrugada me pegou junto com uns amigos. a gente estava voltando de uma



CONTO | OTAVIO LINHARES

festa e tinha bebido pra caralho e cheirado um vidro inteiro de éter. nunca tinha cheirado éter antes. já tinha cheirado tiner em casa e benzina com a galera. éter era a primeira vez. um amigo de um amigo de um amigo ia fazer uma festa numa casa abandonada lá na vila izabel e a gente ficou sabendo porque todo mundo sabe que não é pra contar e acaba contando pra todo mundo e resolvemos que a gente ia lá porque a piazada nunca tem o que fazer e fica só zanzando por aí atrás de algo pra bater ou apanhar. a festa estava massa. no nível da galera. música alta e um monte de tubão pra ficar bêbado rápido e vomitar e voltar a beber e vomitar de novo. não é pra isso que a gente bebe! grita o banha que é irmão do rodriguinho que é o dono da festa. ele já está bem crazy e a gente também vai ficando ao longo do tempo. só que ficamos ali de boa entre nós porque não somos grandes o suficiente pra despertar o desejo das meninas nem fodas pra caralho pra que alguém queira ficar ouvindo nossas estórias durante a noite. a verdade é que sempre ficamos ali entre nós falando das nossas proezas pra nós mesmos. e no fim da festa um dos piás que estava com a gente passou muito mal e trouxemos ele carregado numa escada. não sei da onde saiu aquela escada. de repente tinha uma escada ali e colocamos o piá em cima dela e subimos até o água verde. a gente estava nuns seis, sete. o pior é que a gente estava tão cansados que subimos quietos sem fazer zona. chegando no shopping água verde a duas quadras de casa já fódidos pra caralho de carregar o monstrão chega

um chevettinho branco derrapando e de dentro saltam três caras já com os três oitão nas mãos. dois eu reconheci na hora. da infância na vila. não lembro o apelido deles. só das caras. jogamos bola algumas vezes na pracinha. e o terceiro era um velho. um cara de uns cinquenta anos. muito engraçado isso. na minha cabeça e na do meu primo / ele me contou depois que tinha pensado a mesma coisa / achamos que os caras iam ajudar a gente. hahaha! nada a ver. que burros nós dois. foi muito bizarro. os caras levantaram aqueles trabucos e mandaram todo mundo pra parede enquanto o cozidão ficou no chão estatelado em cima da maca escada falando merda pros policiais. agora nem sei mais se eram policiais. eles podiam ser qualquer coisa que a gente teria caído na conversa deles de qualquer jeito. também né! com aquelas armas apontadas pras costas que cê queria que a gente fizesse?! perguntaram o que ele tinha usado e se a gente ainda tinha um pouco daquilo. aí o irmão dele falou que ele era bobo assim desde criança. queria ter rido. ali naquela hora queria que todos tivessem achado graça da piada e entrassem numa catarse cômica e comessem a rir um do outro e simplesmente se cumprimentassem e fossem embora bem de boa como se o mundo fosse um lugar legal pra se viver. mas não. levaram todo o resto do nada que ainda tinha sobrado nos bolsos da piazada. um isqueiro e meia dúzia de cigarros. nada de dinheiro. imagina que um bando de piá ia ter grana a essa hora da madrugada. só que sacaram o bafo de éter e fizeram mais

algumas perguntas ameaçando a gente e ainda deram uns tabefes na cara do sapo que resolveu se justificar. quem ficou calado de perna aberta e cabeça baixa não apanhou. só o idiota do sapo que resolveu argumentar e ficou com um roxão na boca. os caras foram embora rindo. depois descobrimos que eles tinham roubado mais uma galera de amigos nossos durante aquela noite. muita gente jurou os caras de morte. só que eles eram os donos das armas e dos distintivos e no fim ninguém acabou cumprindo suas juras. cada um ficou na sua e aos poucos a rai-vinha da piazada que tinha sido roubada foi virando rancor e dor de barriga e mandíbula travada e aí voltamos pra primeira lei dos bairros. têm uns que batem e têm uns que apanham. é assim que a gente extravasa nessa idade. e bem nessa época eu estava de mudança. estava saindo do nosso apartamento-zinho fedido no portão e estava indo prum mais barato e mais legal lá no santa quitéria. eu não trabalhava. mal e porcamente estudava. minha mãe estava falida. minha irmã já tinha ido morar com a vó mãe da minha mãe pra diminuir as despesas. aí a gente teve de ir morar num lugar mais barato. então esse meu tio que estava sempre de verde se prontificou a ajudar a gente. fez a correria com a mudança. na família da minha mãe todos sempre disseram que esse tio sempre foi bom de correrias. só hoje entendo o que eles quiseram dizer. quer ir na boleia do caminhão? ele perguntou pra mim. sorrimos. esses tipos de sorrisos que só saem das intimidades. são bons esses sorrisos. boi preto conhece boi preto.

meu tio tinha uma kombi e sempre me levava pro colégio. gostava de passar lombadas no pau e de acelerar nas descidas com a criançada dentro. e aí tinha uma ladeira com um viaduto que ele sempre passava por baixo e tacava o dedo na buzina e fazia um puta eco. era legal pra caralho. a kombi dele era azul calcinha com caçamba e fazia um barulhão quando chacoalhava e tinha um espaço entre a porta e o banco do motorista. não sei como mas eu cabia nesse vão e ficava com a cabeça feito um cão pendurada pra fora levando vento na cara. era demais. subi na boleia do caminhãozinho e ele mandou que o motorista tocasse até nosso novo endereço. esticou o braço por trás de mim e me apertou num abraço afetuoso. e como vai a vida? vai indo. tá estudando? mais ou menos. e os baseadinho? tá fumando? de leve. era a segunda vez que ele iniciava um papo desse comigo. a primeira tinha sido na hora que a gente estava carregando o caminhão. achei estranho. duas vezes em pouco mais de duas horas. eu nem gostava de fumar maconha. fumava só pra ficar perto da galera e pra gostarem de mim. sempre passava mal e vomitava. ficava horas com a pressão baixa suando e rolando de um lado pro outro. não sei se eu queria falar isso com ele mas como não falava com adultos sobre isso achei que podia ser uma forma de desabafar algumas coisas que estavam entaladas e aí acabei contando sobre o éter e a escada e os civis. ele fechou a cara. ficou sério. um cara assim assim e dois piás assim assim? é. porque? aí ele falou o nome dos dois piás e do civil. fiquei

com medo na hora. talvez eu tivesse começado uma guerra. ele disse que ia resolver isso. aí fiquei com mais medo. óbvio que esses três iam querer pegar a gente depois dessa. na hora até quis dizer pra ele não ir atrás dos caras mas no fundo o que eu queria era que ele fodesse com aqueles piás no mínimo como eles foderam com a gente naquela noite. então fiquei quieto. meio querendo deixar na mão de deus pra ver no que é que ia dar. só que deus é um cara que gosta de ver o cu dos outros pegando fogo com os bombeiros de greve. foi a gente tocar no nome dos caras e PLAW! dito e feito. para o caminhão! o que foi tio? ó quem tá ali na esquina. que merda. foi a gente falar nos piás e eles estavam ali na padoca da esquina fumando um cigarro e tomando uma bera. o tio mandou parar o caminhãozinho. não tinha onde eu enfiar a cara então fiquei de cabeça baixa mirando o próprio pinto. ele desceu e os piás já chegaram cumprimentando com um sorrisão na cara como se tivessem vendo um herói. eu tenho um herói. todos têm um herói. e quando o teu herói chega perto de você a única coisa que você quer fazer é partir pra cima dele e tocar nele como se ele fosse um deus. acho que foi isso que os piás sentiram nessa hora. o primeiro já esticou a mão querendo cumprimentar meu tio. e aê! só que nessa hora ele pegou a mão do piá e apertou com tanta força que fez o copo de cerveja que estava na outra mão explodir no chão PLASH! achei massa. a piázada que estava na padoca nem se mexeu. ficou todo mundo em silêncio. ali no bairro todos sabiam quem era o meu tio. menos eu. ele era o cara. o herói de toda

aquela geração. fiquei com menos medo nessa hora mas achando que mesmo assim eu ainda ia levar um pau na semana seguinte. ele puxou o piá bem pertinho e botou a boca dentro da orelha dele. não deu pra ouvir o que ele cochichou. nem foi lá cumprimentar os outros caras. falou o que tinha pra falar e saiu. voltou pro caminhão. bateu na perna do motorista e mandou seguir. eles não vão mais incomodar. e se eles chegarem perto de você de novo fala comigo. beleza? dito assim dessa forma fez com que meu coração por um instante quisesse sair da boca. minha barriga ficou fazendo uns barulhos. eu não conseguia falar. estava muito emocionado. queria ter dito alguma coisa. tinha esperado a vida toda por esse dia. estava ali na minha frente o cowboy que faltava no meu filme. eu sentadinho no banco do meio do caminhão olhando pra ele e o sol lá no fundo projetado como numa tela e o amarelo do lusco fusco brilhando a silhueta do rosto dele e o chapéu e o cigarro no canto da boca e o radinho do caminhão tocando raindrops keep fallin' on my head que é a música que eu sempre quis que tocasse nessa hora. por um instante o tempo vira câmera lenta e ele virando o rosto devagar pra mim pergunta que foi? nada tio. ele dá dois tapas na porta do caminhão. bóra! e partimos rumo ao santa quitéria. acabei não comentando com a mãe sobre isso. acho que tudo ficou como deveria ter ficado. e também não vi mais os piás que apavoraram a gente naquela noite. também não voltei mais àquele bairro. duvido muito que por lá ainda parem heróis. heróis são como nuvens. ■



Otávio Linhares nasceu em Curitiba (PR), em 1978. Com formação em Filosofia, História e Artes Cênicas, é editor da revista de literatura curitibana *Jandique* e do selo Encrenca – Literatura de Invenção. O conto aqui publicado integra seu mais recente livro, *O cão mentecapto*, que será lançado neste mês. Vive em Curitiba (PR).



Walter Craveiro/Flip/Reprodução



Wilson Bueno na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) em 2006.

O magnífico portunhol de Wilson Bueno

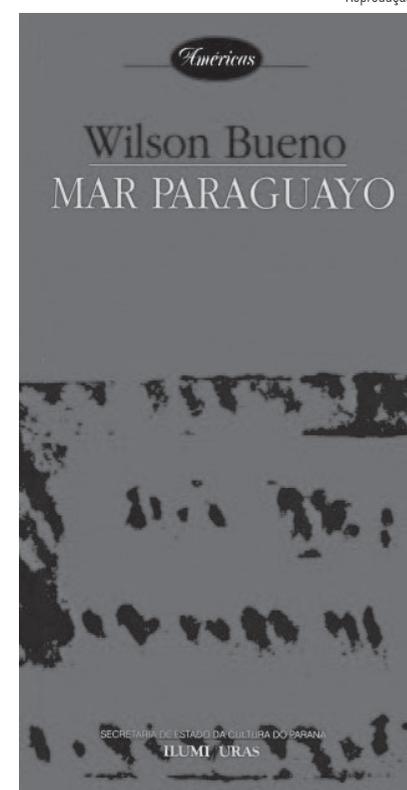
O escritor paranaense publicou há 25 anos *Mar paraguayo*, híbrido literário que mistura português, espanhol e guarani. Texto admirado por estudiosos e escritores, esgotado no Brasil, o livro será publicado neste ano na França e nos Estados Unidos

MARCIO RENATO DOS SANTOS

No Brasil, *Mar paraguayo*, de Wilson Bueno [1949-2010], segue esgotado e sem previsão de relançamento, disponível para leitura em bibliotecas. Mas no exterior estão previstas duas edições da obra ainda em 2017, uma tradução viabilizada pela Nightboat Books de Nova York, nos Estados Unidos, e uma reedição fac-similar de apenas 50 exemplares na França.

A primeira edição do livro foi publicada, em 1992, por meio de uma parceria da Iluminuras com a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. Em 2001, o livro saiu no Chile pela Intemperie. Em 2005, o selo argentino Tsé-Tsé publicou ou-

Reprodução



Capa da primeira de edição de *Mar paraguayo*, de 1992.

tra edição e, no ano seguinte, a obra foi editada no México por iniciativa da Bonobos. A versão que sai nos Estados Unidos é de autoria da poeta canadense Erín Moure, que traduziu o portunhol de Bueno para o “francinglish”, mistura de francês e inglês, enquanto o guarani foi vertido para uma língua falada por esquimós.

A obra traz um relato em primeira pessoa no qual a narradora, a marafona [prostituta ou boneca sem rosto] de Guaratuba, cidade do litoral paranaense, conta a sua própria história e faz reflexões sobre o sentido da vida e a passagem do tempo.

Simple?

Talvez. A protagonista vive com um idoso e também é atormentada pela paixão que sente por um jovem. Há nuances de romance policial, uma vez que durante a narração o idoso pode estar morto e, ao que as linhas e entrelinhas sugerem, a narradora tece o seu discurso como uma espécie de defesa para uma possível acusação de assassinato que possa ser feita contra ela.

Se o enredo parece [e apenas aparenta] ser simplório

ou pelo menos não muito surpreendente, a estratégia narrativa é o grande diferencial desta obra. O professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp) Antonio R Esteves explica que *Mar paraguay* se constrói numa espécie de entre-lugar, numa zona de fronteira cultural e linguística. Afinal, mistura gêneros: romance, novela e poesia. Também funde linguagens: escrita, oralidade, alta cultura e cultura popular. Mais que tudo, mistura línguas: português, espanhol e portunhol.

Tudo isso, acrescenta Esteves, salpicado de palavras em guarani, a língua ancestral americana que teima em sobreviver no interior da América do Sul, mesmo depois de cinco séculos de opressão política e cultural dos coloni-

zadores, espanhóis e portugueses, paraguaios e brasileiros.

“*Mar paraguay* não está escrito nem em português, nem em espanhol, nem em guarani. O portunhol como língua não existe apesar de ser muito presente”, diz o estudioso da Unesp. De acordo com ele, o livro de Bueno apresenta uma mistura de português com o espanhol falado por qualquer falante de português em ambiente hispânico ou vice e versa. Esteves salienta que tal linguagem não é uma língua fixa, mas flutua como a mistura: “Não tem normas fixas. Elas vão mudando de acordo com a necessidade de comunicação”.

Esteves observa que a mistura do português e do espanhol sempre existiu — seja nas regiões de frontei-



Mar paraguay foi publicado na Argentina (Tsé-Tsé), no México (Bonobos) e no Chile (Intemperie).

“Vários elementos do romance *Iracema*, de Alencar, foram trazidos por Bueno para seu romance onde são lidos de modo dialógico.”

Antonio R. Esteves, professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp)

ra entre essas duas línguas, na boca de imigrantes e mesmo nas salas de aulas que ensinam português para falantes de espanhol ou espanhol para falantes de português. “No entanto, como linguagem literária, inventada, eu creio que o Wilson Bueno foi pioneiro”, afirma o especialista da Unesp.

O poeta Douglas Diegues, leitor, divulgador e entusiasta da obra de Bueno, acrescenta que alguns textos dos séculos XI, XII e XIII podem vir a ser lidos como “proto-portunholes”. Diegues aponta a uruguaia Juana de Ibarbourou, autora da novela *Chico Carlo* (1944), como a primeira voz literária a escrever uma obra com fragmentos em portunhol. Segundo ele, Wilson Bueno seria o primeiro autor a publicar uma novela escrita em portunhol selvagem utilizando as língua da tríplice fronteira, o português, o espanhol e o guarani. Foi Diegues quem inventou o conceito de portunhol selvagem, com a finalidade, segundo ele, de dinamitar a ideia de um único portunhol, abrindo espaço para a existência de incalculáveis “portunholes selvagens”.

O inventa-língua

O poeta, tradutor e professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Sérgio Medeiros faz questão de afirmar que o portunhol literário foi inventado por Wilson Bueno. Em *Mar paraguay*, ressalta o estudioso, Bueno não usa arbitrariamente as línguas que mistura, mas realiza uma esco-

lha criteriosa que remete à história íntima da protagonista, a marafona, “uma boneca de trapos”.

“A linguagem dela é colorida, é um ‘traje regional’, composta de restos deixados pelo mar da memória num balneário suburbano (um cabaré). A narradora recolhe um vocabulário flutuante (retira-o do mar da memória) e com ele descreve as aventuras de uma boneca enganadora, cujo discurso mostra que esses trapos estão bem amarrados, bem compostos. Isso é o portunhol na sua melhor performance”, analisa.

Para exemplificar o que diz, Medeiros menciona um fragmento de *Mar paraguay*: “andirá, oh, ni quiera saber quer tontos, andirá, los oídos incapazes siquiera para escuchar, andirá, el sonido cambiabile y modular de los morcegos que se avizinam, mensageiros, morciélagos”.

O especialista explica que a frase que fala de voos e sons, de mensagens que chegam em três línguas. Ele define a frase como bonita e, sobretudo, muito esperta. “A distribuição do termo ‘andirá’, que é morcego e morciélago, recria os voos linguísticos que Wilson queria fazer na noite da memória, ou no cabaré da memória, para captar a alma da boneca (travesti) do balneário paranaense”, teoriza.

Medeiros observa ainda que, em *Mar paraguay*, não existe um personagem humano — o que há, ele salienta, é uma marafona, uma boneca do “mar”, uma estrutura envolta em ondas

Douglas Diegues passou anos em busca de sua voz poética. E foi após mergulhar nas páginas do *Mar paraguay*, de Wilson Bueno, que ele vislumbrou uma possibilidade. A partir daí, começou a escrever sonetos em portunhol. Pariu mais de 50 mil. Trinta deles foram cuidadosamente selecionados para compor *Dá gusto andar desnudo por estas selvas – sonetos salvajes*, editado pela Travessa dos Editores.

A obra vem sendo lida com muito entusiasmo pela crítica e por leitores atentos em todo País. A *Folha de S. Paulo* estampou na capa do suplemento *Ilustrada*, dia nove de agosto, a manchete “Poeta Douglas Diegues traduz país de fronteiras desconhecidas”. O jornalista Rogério Eduardo Alves não economizou elogios para a performance poética deste carioca que vive na fronteira Ponta Porã (MS).

Diegues esteve na capital paranaense e autografou *Dá gusto andar desnudo por estas selvas – sonetos salvajes* no Memorial de Curitiba, além de ter feito palestras para alunos

do curso de letras da PUC-PR. Entre um compromisso e outro, concedeu entrevista exclusiva para o *Caderno de Ideias*. Em meio a muita prosa, café e poesia, falou sobre as tensões de sua obra, assumiu sua admiração por Dalton Trevisan e Manoel de Barros, revelou projetos futuros, além de ter dito que uma de suas missões é fazer com que o portunhol seja reconhecido como idioma literário. A seguir, o pensamento mais do que vivo de Douglas Diegues.



Wilson Bueno, autor de *Mar paraguay*, obra decisiva para o surgimento da linguagem *moitiza* de Douglas Diegues

rária, tão literária quanto o francês, o espanhol ou o português

¶ 65

Reprodução de uma página do *Caderno de Ideias* (atual Revista Ideias, da Travessa dos Editores), de novembro de 2003, que traz uma foto em que Wilson Bueno aparece ao lado de Douglas Diegues em evento realizado em Curitiba.

de trapos. “O mar paraguaio é um modo de falar do mar, de qualquer mar. O Bueno escolheu o portunhol literário para falar do mar, das ondas coloridas que compõem as vestes da boneca”, diz o professor da UFSC.

Diálogos & tanto mar

Antonio R Esteves salienta que o tecido narrativo de *Mar paraguay* é rico não apenas pelos diálogos culturais que traça ou pelas reflexões filosóficas que apresenta. De um modo indireto, argumenta Esteves, Bueno faz um passeio que envolve a construção da identidade do brasileiro e do latino-americano e também dialoga com obras que discutem a construção dessa identidade, especialmente na literatura brasileira.

Reprodução

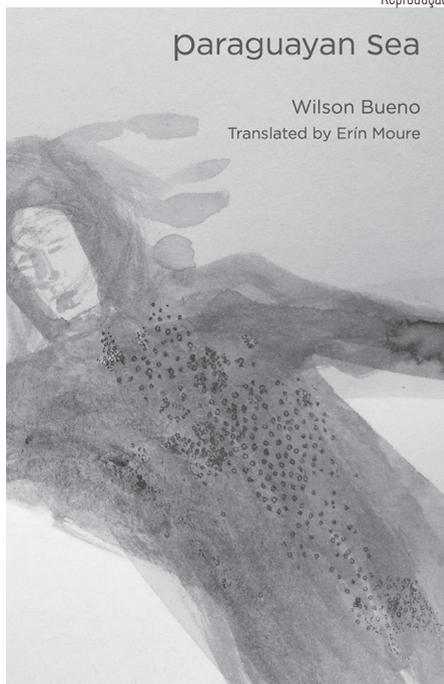


Imagem de Vida Simon, ainda provisória, da edição norte-americana do livro de Bueno, prevista para ser publicada ainda em 2017.

PRATELEIRA WILSON BUENO

Boleros' Bar (1986)
 Manual de zoofilia (1991)
 Ojos de água (1992)
 Mar paraguay (1992)
 Cristal (1995)
 Pequeno tratado de brinquedos (1996)
 Jardim zoológico (1999)
 Os chuvosos (1999)
 Meu tio Roseno, a cavalo (2000)
 Amar-te a ti nem sei se com carícias (2004)
 Cachorros do céu (2005)
 Diário vagau (2007)
 A copista de Kafka (2007)
 Pincel de Kyoto (2007)
 Canoa canoa (2007)
 Mano, a noite está velha (2011)

O primeiro diálogo de Bueno em *Mar paraguay* é, na interpretação de Esteves, com José de Alencar, que traz a cultura tupi para o centro da sua obra, embora com as limitações de seu tempo. “Vários elementos do romance *Iracema*, de Alencar, foram trazidos por Bueno para seu romance onde são lidos de modo dialógico. Basta que se diga que Alencar é um dos primeiros autores a usar a língua e a cultura tupi nesse romance, que também tem uma mulher indígena como protagonista”, diz, ponderando que as escolhas narrativas de Alencar, de acordo com a estética romântica, são menos ousadas do que as de Bueno.

O professor da Unesp analisa que o segundo momento da literatura brasileira presente nas páginas de *Mar paraguay* é o com *Macunaima*, de Mário de Andrade. “Da mesma forma que o herói de Mário nasceu lá no fundo da mata virgem, ou seja, num mundo primitivo, a protagonista de Bueno, também nasce ‘al fondo del fondo del fondo de mi país’”.

Em determinado momento de *Mar paraguay*, observa Esteves, a marafona, referindo-se ao menino, diz: “lo abraçaria hecho asi una madre grande y imensa madona macunaima, índia, pajé, tupã...”. Ao identificar-se como uma “madona macunaima”, reitera-se não apenas a ambiguidade genérica da protagonista, “mas principalmente faz-se uma referência explícita à obra máxima de Mário de Andrade”, argumenta.

Esteves ainda aponta para o diálogo que Bueno estabelece com Guimarães Rosa, de várias formas, diretas e indiretas. De acordo com o especialista da Unesp, o mais evidente, embora seja de modo diferente, é a forma de narrar por meio de um imenso monólogo “mar”, que se espraia por todos os lados. Um narrador, em primeira pessoa, pertencendo ao mundo da oralidade, conta uma história a um narrador culto — que será o responsável por registrar o relato de forma escrita.

O pesquisador lembra que em *Grande sertão: veredas* há Riobaldo, o narrador que conta sua história, plena de reflexões filosóficas e dúvidas ontológicas, a um doutor, homem culto, encarregado de fazer uma espécie de tradução desse discurso-rio ao mundo da escrita. “O mesmo ocorre em *Mar paraguay*, onde a marafona tem como interlocutor o Doutor Paiva. Da mesma forma que um dos temas da obra máxima de Rosa é a existência ou não do diabo e do inferno, o mesmo ocorre em *Mar paraguay*, que dedica boa parte do relato em discutir o que é o inferno e qual a diferença entre o inferno e o mundo em que se vive”, explica.

Esteves acrescenta que as referências tanto a Guimarães Rosa em si como a sua obra são recorrentes na produção de Bueno. Não apenas em *Mar paraguay*, mas também em outras obras, especialmente no romance *Meu tio Roseno, a cavalo* (2000), que dialoga, desde o título, com várias obras de Guimarães Rosa, incluindo o relato “Meu tio o Iauaretê” (1961), no

qual Rosa também se utiliza da mistura de línguas com forte presença do tupi.

Mestre em disfarces

No final dos anos 1990, Carlos Henrique Schroeder participava de um grupo em que os integrantes trocavam livros e promoviam saraus em bares do Balneário Camboriú (SC). Foi naquele contexto que conheceu *Mar paraguay*. “Eu vivia numa confluência de línguas, pois trabalhava na recepção de um hotel em uma cidade turística, que recebia paraguaios, argentinos, chilenos. Tinha contato diário com o guarani e o espanhol”, conta o autor dos romances *As fantasias eletivas* (2014) e *História da chuva* (2015).

O impacto da leitura foi instantâneo e, 20 anos após conhecer o texto, Schroeder segue com a percepção de *Mar paraguay* é a obra mais importante de Bueno, inclusive pelo fato de ter provocado uma verdadeira ruptura na literatura brasileira — Sérgio Medeiros também afirma que a narrativa é a obra mais relevante de Bueno.

Em sintonia com o ponto de vista de Schroeder e com a afirmação de Medeiros, Douglas Diegues diz que depois da publicação de *Mar paraguay* — sem esquecer a existência do conto “Meu tio o Iauaretê” (1961), de Guimarães Rosa e o livro experimental *Galáxias* (1984), de Haroldo de Galáxias — a literatura brasileira pôde, enfim, ser escrita também a partir da mescla de línguas e não apenas unicamente em português.

Levando em consideração o fato de que Fernando Pessoa denominou o padre Antônio Viera de o “imperador da língua portuguesa”, Douglas Diegues teve uma ideia. Durante um evento literário realizado há alguns anos em São Paulo, ele e o pintor cartonero El domador de Jacarés passaram a chamar Wilson Bueno de o “imperador do portunhol selvagem”.

“A boneca [personagem de *Mar paraguay*] de pano tem charme, atrai a atenção: seu charme não é nada discreto. É potente, enfeitiçador.”

Sérgio Medeiros, tradutor e professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

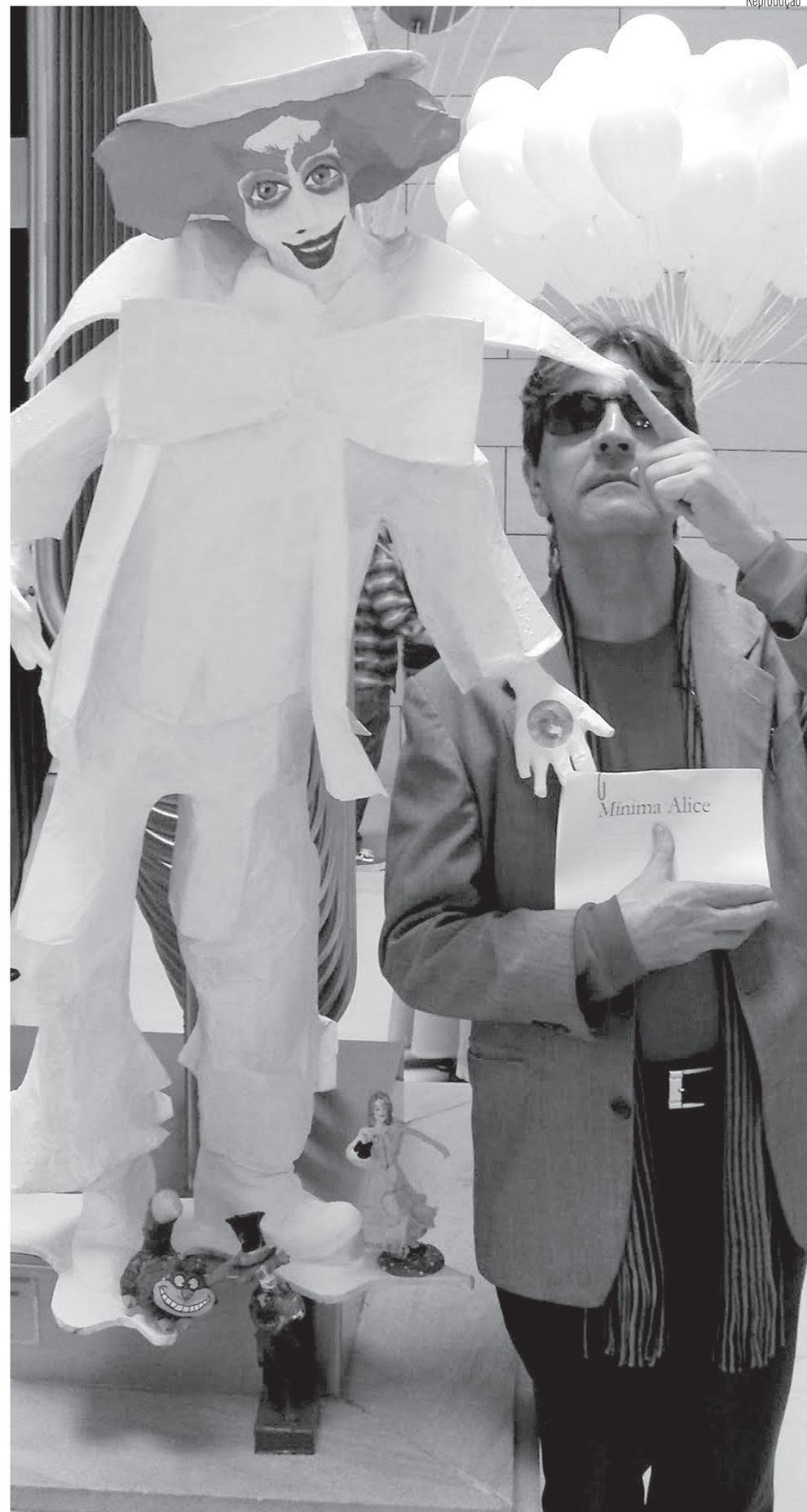
“Fizemos isso para que o portunhol selvagem também tivesse o seu padre Antônio Vieira, um precursor de talento verbal exuberante”, explica.

Antonio R Esteves acompanha a repercussão de *Mar paraguay* durante esses 25 anos e avalia que o livro é um monumento esfíngico que se levantou, desafiando a ser entendido e interpretado. “A obra, desde que foi publicada, também teve um papel histórico e político. Além do fato de ser um monumento experimental, era um manifesto político que pretendia discutir, no âmbito da globalização que estendia suas garras sobre a cultura dos países do terceiro mundo, o papel das culturas periféricas e da própria periferia dessas periferias”, acrescenta o professor da Unesp.

Sérgio Medeiros analisa que é difícil apontar quais autores contemporâneos são influenciados por *Mar paraguay*, mas tem a impressão de que há muitos escritores, no Brasil e nos países vizinhos mais próximos, que estão seguindo a trilha aberta por Wilson Bueno. “O seu portunhol é o mais elegante de todos”, afirma.

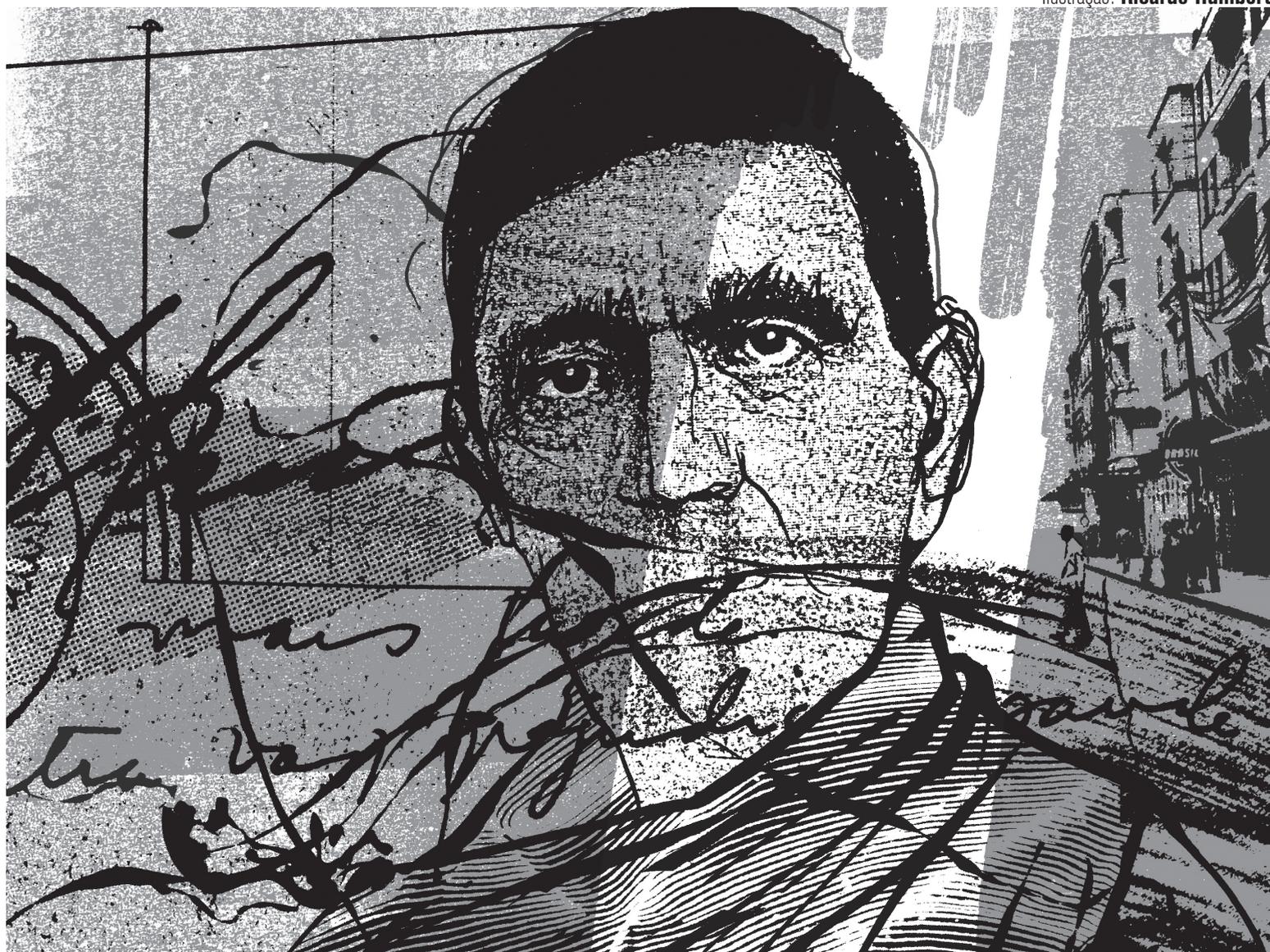
“A boneca de pano tem charme, atrai a atenção: seu charme não é nada discreto. É potente, enfeitiçador”, acrescenta o professor da UFSC. Então, continua Medeiros, “também devem ter surgidos imitadores por aí, mas talvez estejam apenas reproduzindo o portunhol falado, não sei.”

Medeiros compara a marafona de Bueno a uma personagem de Lewis Carroll, a tartaruga falsa. Na Inglaterra, na época de Carroll, a sopa de tartaruga era feita com cabeça de novilho. Não tinha tartaruga na sopa. “Era falsa, ‘fake’.” Para o especialista, o mesmo acontece na “sopa” do Bueno: “A cabeça da marafona, da boneca, é na verdade a cabeça do boneco... O Wilson era mestre em trabalhar o ‘fake’, o ‘falso’, nas imagens e na linguagem”. ■



Wilson Bueno em um evento em homenagem à personagem Alice, criada por Lewis Carroll, em São Paulo em 2010.

Ilustração: Ricardo Humberto



TINHA UMA PANTERA À ESPREITA

Autor que dizia escrever para se salvar de si mesmo, Wilson Bueno deixou um legado de 16 títulos e outros inéditos, nos quais aparecem suas obsessões, o diálogo com alguns autores e uma linguagem que borra as fronteiras entre os gêneros literários

Wilson Bueno se considerava poeta. “Sou essencial e fundamentalmente poeta. A minha visada do mundo é a de um poeta.” Assim ele se definiu numa entrevista em 2009. No entanto, no mesmo bate-papo Bueno ressaltou que o terreno em que transitava com mais desenvoltura era a ficção: “Sou, ou penso que sou, um escritor de fronteiras — literal e figurativamente... Estou sempre na fronteira. Sou um escritor de fronteiras e também um ser humano na fronteira entre o pasmo de viver e o sagrado horror à morte, essa pantera.”

A principal obra do escritor é um livro de fronteira, um híbrido que mistura gêneros, línguas e linguagens. *Mar paraguayo* [leia mais na reportagem publicada na página 20] é uma mostra da consciência e conhecimento literários do escritor. A narrativa possui tantas camadas, foi tão bem pensada e escrita que — se por algum mistério — todos os outros livros dele sumissem, Bueno já teria o seu nome garantido no futuro, no mapa da literatura brasileira contemporânea, a partir unicamente da magnífica “canção marafa” que é o seu *Mar paraguayo*.

Mas é fundamental citar outras realizações literárias do escritor nascido em Jaguapitã (PR) em 1949 e radicado em Curitiba. Em *Amar-te a ti sem sei se com carícias* (2004), Bueno manipula com maestria a escrita praticada no Brasil entre o final do século XIX e o início do século XX, ou seja: ele recriou uma linguagem literária à moda de Machado de Assis. De acordo com Aurora Bernardini, o romance merece ser sorvido lentamente, como o vinho de colheita rara: “Porém, muita atenção: nas alfinetadas à retórica bacharelesca e aos poetastros que o pó soterrou, nas ironias, autoironias e burlas recreações de ambiências da época.”

A obra de Guimarães Rosa, da

qual Bueno dizia gostar de ficar no máximo a um metro de distância, para pode compulsar continuamente, aparece em sua ficção especialmente na novela *Meu tio Roseno*, a cavalo (2000). O autor de *A metamorfose*, uma paixão dele, é o mote e está no título de uma narrativa que Bueno publicou há dez anos, *A copista de Kafka*. “Este novo livro de Wilson Bueno é um mergulho nos fantasmas do século XX e nos proporciona um texto envolvente, cuja leitura se tem pena de interromper”, comentou, no texto de apresentação, Boris Schnaiderman.

O bestiário, outra obsessão de Bueno, foi objeto de estudo da escritora e professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Maria Esther Maciel. No livro *Literatura e animalidade* (2016), Maria Esther observa que — no âmbito da zooliteratura brasileira do final do século XX — figura a obra de Bueno. “Em especial no livro *Jardim zoológico*, de 1999, o escritor compôs uma combinação de elementos mitológicos, lendas indígenas, referências culturais brasileiras e hispano-americanas, reescrevendo o viés fantástico de Borges sob uma perspectiva, digamos, mais ‘mestiça’ e também afetiva”, analisa a estudiosa.

Ainda de acordo com Maria Esther, híbridos, fronteiriços e transnacionais, os bichos de Bueno são marcados pelos cruzamentos culturais advindos do contato entre países do continente sul-americano — o bestiário também aparece, por exemplo, em *Cachorros do céu* (2005).

Na já citada entrevista que Bueno concedeu em 2009, questionado a respeito do que seria a sua literatura, ele disse que se tratava de uma busca: “A busca, esforçada, com que há décadas procuro, das palavras certas, a mais humana. Com a consciência de que só a palavra não salva, mas a minha parte, queira ou não queira. Eu sou de parte com a palavra (diria o Manoel de Barros)... Nem sei se faço literatura. Escrevo, só isso. E escrevo, antes de mais nada, para me salvar de mim mesmo.”

E ele escreveu muito.

Reuniu textos veiculados na imprensa curitibana para compor o seu livro de estreia, *Bolero's Bar* (1986), trabalhou em *O Globo* (durante um tempo do seu desbunde carioca, entre 1968 e 1977), esteve à frente do suplemento de cultura *Nicolau* (1987-1996), foi colunista do jornal *O Estado do Paraná* e da revista *Ideias* e fez resenhas de livros para *O Estado de S. Paulo*.

Mas a pantera, mencionada naquela entrevista de 2009 (“a morte, essa pantera”), se fez presente. Ele foi assassinado no dia 31 de maio de 2010. Em 2011, a Planeta publicou *Mano, a noite está velha*, memórias revisitadas pela ficção. Entre o material inédito, além da vasta correspondência, há

as “Novelas marafas”, sete ou oito relatos em portunhol selvagem, dos quais a Yiyi Jambo Cartonera, do Paraguai, publicou um dos textos, *Mascate*, em 2015.

Apesar da pantera, o legado do poeta que escreveu ficção e poesia ainda vive.

Viva o Bueno! ■





Imagem feita na rua Augusto Stelfeld, em Curitiba. Da esquerda para a direita: Renato Campos Romchi, Luiz Manfredini e os irmãos Nilson e Wilson Bueno.

O ASSOMBRO DA FOTOGRAFIA

O escritor paranaense **Luiz Manfredini** prepara a biografia romanceada de Wilson Bueno, seu amigo de infância e adolescência, com o qual construiu, no início dos anos 1960, as fundações da trajetória jornalística e literária que ambos cumpririam nas décadas seguintes. O **Cândido** publica um capítulo do livro



Por volta das sete e meia da noite de 31 de maio de 2010 recebi um telefonema anunciando a morte de Wilson Bueno. Sem mesmo me dar conta, logo me vi conduzido à foto afixada num painel do escritório. A foto dos amigos da Rua Augusto Stellfeld: Renato Campos Ronchi, eu e os irmãos Nilson e Wilson Bueno, o Vilso como o chamávamos.

Ali, aos dez, onze anos de idade, compenetrados na pose para o fotógrafo, meninos magricelas ao lado das suas bicicletas, vestindo camisas dos times e pés descalços, diante da casa de duas moradas em que se alojavam as famílias de Renato, de um lado, e de Wilson e Nilson, de outro. Na de Renato, nos amontoávamos todos os finais de tarde, início de noite, para o encantamento do televisor que nos mostrava filmes de faroeste em preto e branco e imagens salpicadas de chuviscos.

Na foto descorada, os que não são mais meninos e já nem são vivos, pois daquele miúdo grupo apenas eu sobrevivia. Renato, recém-formado engenheiro florestal, foi vítima de um conflito de terras no Amazonas e assassinado com vinte e poucos anos. Nilson, morto faziam sete anos de um câncer devastador. E agora, Wilson. Senti-me perdidamente solidário naquela foto de antigamente, dos velhos amigos, carregando apenas o peso da memória e da saudade.

Tempos atrás, talvez dois anos antes de sua morte, eu havia pensado em propor ao Wilson que nos sentássemos para conversar sobre nossa infância e adolescência, sobre o que havíamos feito na vida depois disso. Mas não propus, fui adiando. E agora não seria mais possível.

Tivéssemos realizado a conversa, eu me lembraria se quando minha família e eu nos mudamos para o bangalô 1284 da Rua Augusto Stellfeld, o Wilson e sua família já estavam na casa do outro lado da rua, a de número 1283, uma casa de duas moradas daquelas típicas da época, a frente em alvenaria e o restante em madeira.

Também me lembraria de como nos conhecemos e como nos tornamos, um o melhor amigo do outro, naqueles anos de formação, entre o final da infância e o início da adolescência, de 1958 a 1966. Certamente foram os livros, embora não me recorde exatamente de como isso aconteceu. Passamos a trocar livros e a emprestá-los na Biblioteca Pública. E a devorá-los com uma compulsão incompatível para nossa tenra idade.

Passamos também a escrever, primeiro à mão, em cadernos escolares e canetas tinteiro, logo em máquinas de dactilografia que alugávamos numa loja na Praça Tiradentes, aquelas Remingtons pretas, antiquíssimas, enormes e pesadas, que mal cabiam no abraço dos meninos, mirrados ambos. Até hoje não sei como conseguíamos levá-las da loja até em casa, mais de dez quadras, a pé.

Lá pelos 13, 14 anos, já fumávamos. Passeávamos, fumando, pelas redondezas. Era o velho Continental sem filtro que nos enchia de fumaça, prazer e o irrecusável charme do labor intelectual.

Encontrávamo-nos quase todos os dias e nossa conversa passou a girar em torno da literatura, do ofício de escritor que desejávamos ser. Era uma pulsão que explodia em nossa adolescência.

Logo passamos a realizar nossos longos encontros na casinha de dois cômodos que havia nos fundos da minha casa, antiga moradia de um relojoeiro. Mas ali — sacrifício — não fumávamos por temor aos pais, sempre vigilantes. Quando, no entanto, a abstinência revelava-se insuportável, saíamos para o quintal que dava para a floresta do vizinho e onde a fumaça facilmente se dispersava. Ali tratávamos do nosso futuro.

Por essa época, início dos anos 1960, eu estudava no Colégio Militar de Curitiba (CMC) e Wilson no Colégio Estadual Rio Branco (CERB). Nunca, porém, conversamos sobre matérias escolares.



BIOGRAFIA | LUIZ MANFREDINI

Aos dez anos meus, onze dele, produzimos um jornal, *O Rui Barbosa*, homenagem ao jurista baiano que eu tanto admirava, e conseguimos que a Biblioteca Pública do Paraná o imprimisse em mimeógrafo a tinta e papel jornal. Duas folhas, quatro páginas. Se eu houvesse realizado aquela pretendida gravação com o Wilson, talvez pudesse lembrar ao menos de parte do seu conteúdo. O que me resta na memória não passa de uma visão entorpecida da feição do jornal. O amarelado do papel jornal, o negro algumas vezes falho das letras. Devia conter escritos meus e dele e alguma consideração sobre a juventude, “o futuro do Brasil”, como aprendíamos na escola. Tampouco me recordo de onde e como foi distribuído, ou se foi. Mas durou apenas o primeiro número. Por quê? Não sei. Arrisco-me a afirmar que a sofreguidão com que absorvíamos a vida e tentávamos construir o futuro era incompatível com a permanência numa só atividade. Pulávamos de galho em galho — e sempre adiante — da vida recém iniciada.

Em 1963, carreguei o Wilson para a fundação do Centro Juvenil de Letras de Curitiba. E o apresentei a meu amigo de escola César Ribeiro da Fonseca.

Wilson não teve participação efetiva no Centro — era assim que chamávamos, na intimidade, nossa cara instituição literária. Andava en-

tão mais propenso às leituras e à escrita do que alguma espécie de associativismo. Não faziam, portanto, seu gênero, aquelas sessões solenes que volta e meia realizávamos na sede do Centro de Letras do Paraná, e que chamávamos de lítero-musicais, quando reuníamos meia dúzia de jovens e uma batelada de velhos escritores provincianos e poetisas mediócras que nos julgavam uma graça — vejam só, tão juvenzinhos! — e nos cumulavam com afetos maternais.

Cedo eu também percebi que aquela convivência de confetes e mediocridade não nos conduziria a nada senão a uma espécie de várzea literária. Resolvemos mudar de turma.

Era 1965, eu com 15 e Wilson com 16 anos, soubemos do lançamento da coletânea *Contos de Repente* por uma editora de Curitiba, a Delfos, até então voltada para publicações comerciais. A obra reunia 14 autores locais. Avizinhava-se outra turma, fomos atrás dela.

Na sede da editora, no centro de Curitiba, encontramos um dos coordenadores da coletânea, Jamil Snege, que logo se tornaria o padrinho literário de Wilson. Com ele, tornamo-nos habituais no Café Avenida.

Por volta de 1963 iniciamos decisiva amizade com Jair Orlando Schwöelk, 15 ou 20 anos mais velho, com quem passamos a compartilhar nossa incursão no campo da literatura. Orientou-nos em textos e livros e nos ajudou a ampliar nossos horizontes para além do rame-rame sem brilho dos literatos do Centro de Letras. Naquelas tardes consumidas em cigarro e conversas, aboletados no quartinho que alugava numa pequena casa de madeira de estilo açoriano próxima de onde morávamos, Jair instigava-nos ao sonho da escrita, mais que isso, ao sonho da vida.

Pouco tempo após nos conhecermos, Jair, vencido pelo álcool, morreu aos 32 anos.

Quase 20 anos depois, em uma das crônicas (“Seus papéis”) reunidas em *Bolero’s bar*, sua estreia literária, Wilson reverenciaria o amigo:

“A sua inteligência encheu-me de tal fascínio que logo troquei a vadiagem das ruas por Scott Fitzgerald.”

Herdara papéis e livros de Jair com os quais deparava,

assim de imprevisto, “no fim-de-semana dedicado à arrumação das coisas”.

“E me vejo levado a olhar lá embaixo: tinha 30 anos, médico com formação em Buenos Aires, antiperonista ferrenho, catarinense de nascimento; mais do que padrinho, tutor e guia, preceptor do menino pobre e cheio dessa curiosidade insaciável que às vezes tornam insuportáveis as crianças”. [...] Junto com ele, o veneno que, mal ou bem, me lançou numa cartada sem volta ao jogo soturno, ao jogo tantas vezes lúgubres de escrever”.

“... concluo agora que sou bastante mais velho do que seu último sorriso de convalescente no hospital. Assim, também por culpa do inusitado, agora o menino é você.”

Em 1966 Wilson e família mudaram-se para a vila Tingui, num outro extremo da cidade. Nosso contato, até então quase diário, passou a se restringir a encontros não mais tão frequentes no Café Avenida.

Foi então que decidimos bater à porta da Vidraçaria Trevisan, no centro de Curitiba, em busca do contista que já cumpria fama nacional.

Éramos assim, buscávamos os expoentes que pudessem orientar nosso futuro literário. Dalton nos recebeu no pátio da vidraçaria e ouviu nossa conversa de adolescentes curiosos e esperançosos, ainda que limitados a uma parca vivência de poucos anos. Não me recordo o que o escritor

nos disse, a conversa foi breve e encerrou-se quando ele presenteou, a cada um de nós, com um livreto — *Novelas nada exemplares* — que editou por conta alguns anos antes num formato pequeno, semelhante a uma caderneta, impresso num papel jornal ordinário amarelado pelo tempo.

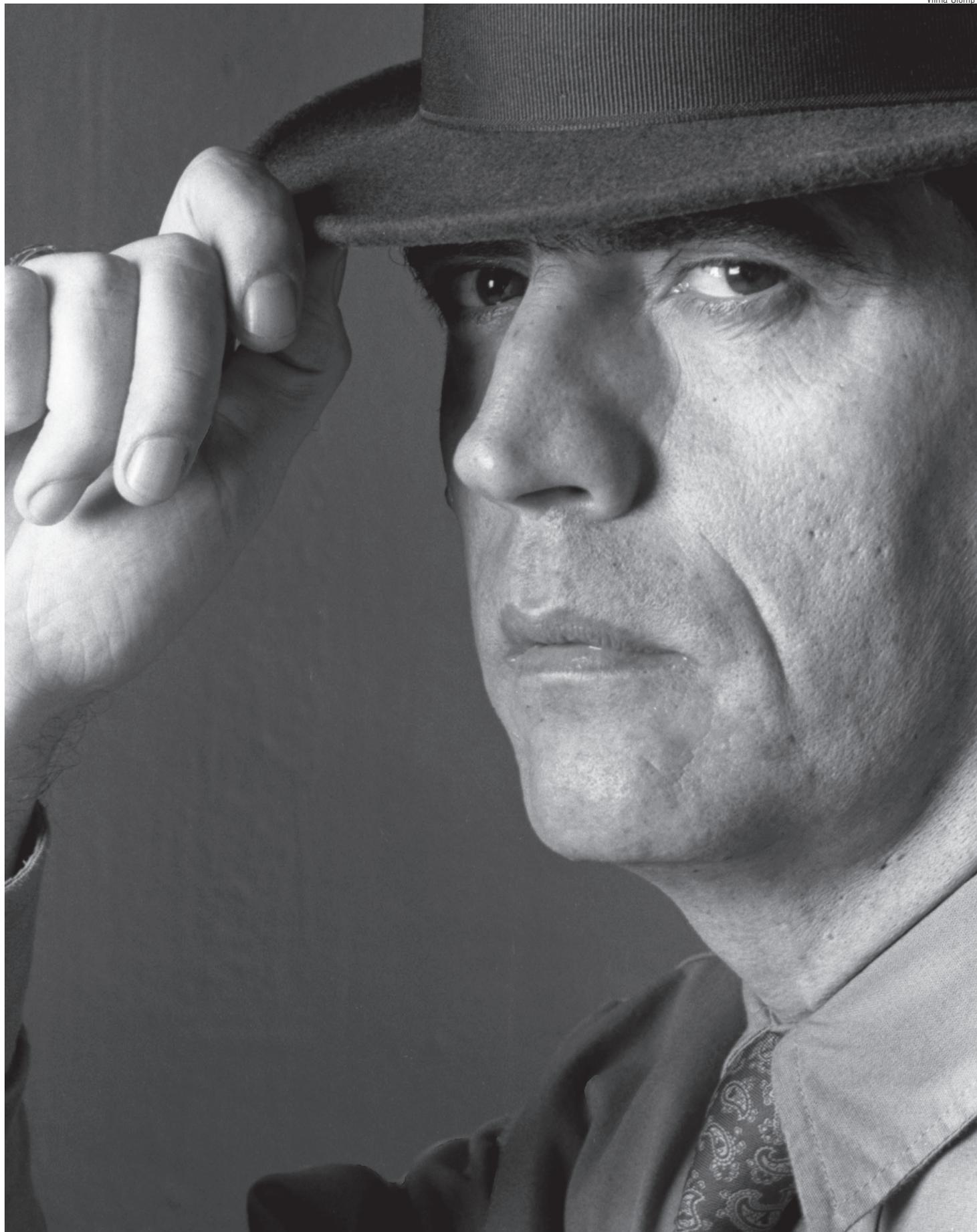
Mais que os presentes, no entanto, valeu-nos um conselho de leitura, a nós que almejávamos ser escritores: *Cartas a um jovem poeta*, a correspondência trocada entre o poeta tcheco Rainer Maria Rilke e o aspirante a escritor Franz Kappus. Nos anos seguintes, lemos, relemos e discutimos, Wilson e eu, esse livrinho como uma espécie de guia para nossas pretensões literárias.

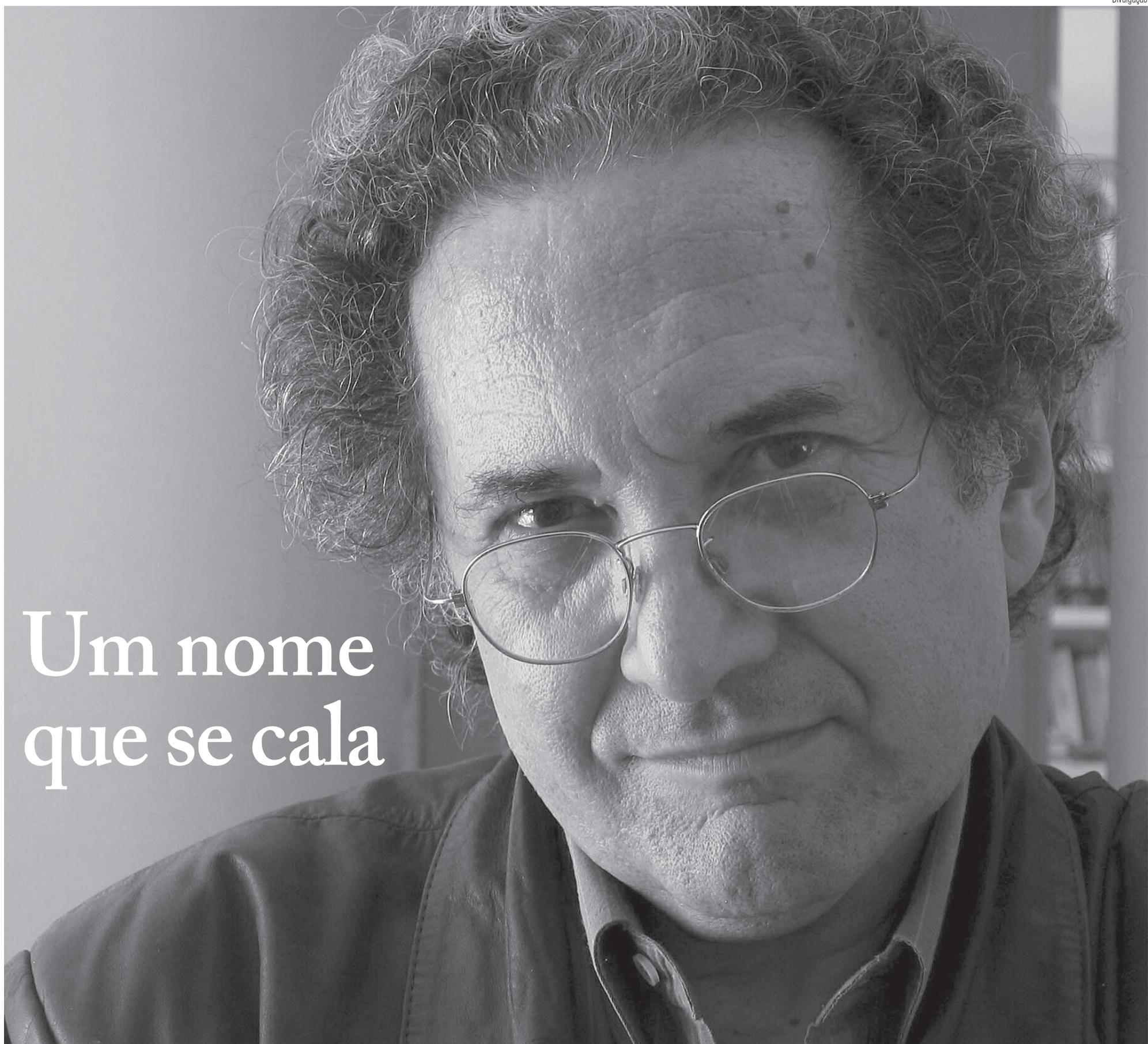
Já no início de 1967, enquanto Wilson ruminava sua ideia de se mudar para o Rio de Janeiro, eu mergulhava na política de resistência à Ditadura Militar, um caminho sem volta, o da luta democrática e socialista, que eu jamais abandonaria, embora a escrita, no jornalismo e mais tarde na literatura, seguisse mediando minhas relações com o mundo e a vida.

Voltamos a nos encontrar — Wilson e eu — 11 anos depois.

Mas já não éramos mais meninos. ■

 **Luiz Manfredini** é jornalista e escritor. Nasceu, em 1950, em Curitiba, onde vive. É autor dos romances *As moças de Minas* e *Memória de neblina*.





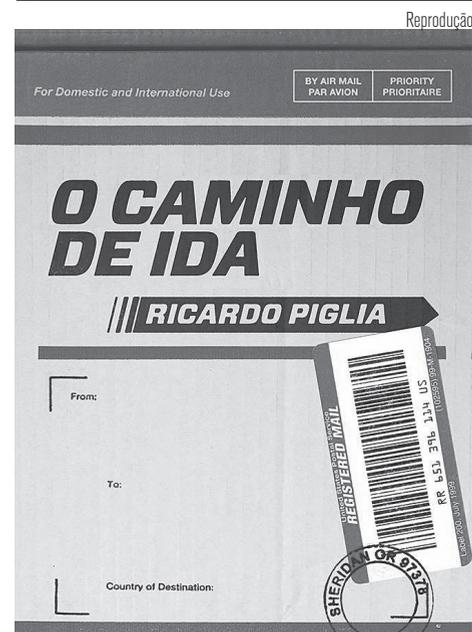
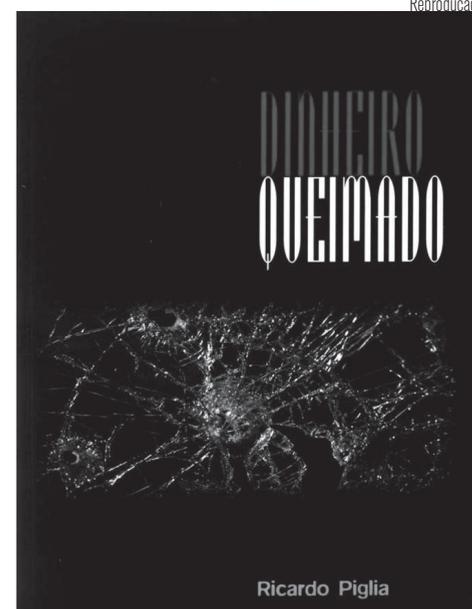
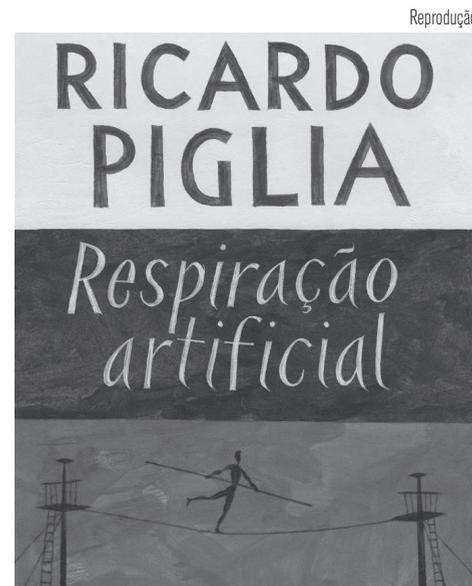
Um nome que se cala

O escritor Ricardo Piglia, que morreu em janeiro de 2017, aos 75 anos. Ele sofria de esclerose lateral amiotrófica (ELA) desde 2014.

Um dos principais autores da literatura argentina contemporânea, **Ricardo Piglia**, morto em janeiro deste ano, produziu uma obra inclassificável. **José Castello** reflete sobre como a influência de outro escritor argentino, Roberto Arlt, foi determinante para que Piglia escrevesse romances pautados pela diversidade de gêneros e linguagens

Ricardo Piglia (1941-2017) foi, antes de tudo, um grande construtor de relatos. Um arquiteto imperturbável das palavras. “Gostaria de escrever uma novela que se lesse como um tratado científico”, ele declarou certa vez. Observada sua obra nessa perspectiva, como uma construção irrepreensível na qual as fantasias e as obsessões se submetem ao controle de uma lógica feroz, talvez não seja um erro dizer que seu livro mais importante é *Nome falso*, de 1975. Um relato “sem gênero”, às vezes etiquetado como um livro de contos, outras vezes como um ensaio crítico, outras ainda como um romance — do próprio Piglia, ou de Roberto Arlt, a quem o livro homenageia e cuja escrita traz à luz? Piglia apreciava as narrativas cujo gênero, mesmo depois de grande esforço, não se pode decidir. Ficções que escapam aos nossos esforços inúteis de classificação e adestramento. E que, mais ainda, saltam à frente de qualquer classificação, defrontando-nos com sua assustadora singularidade. É desse horror diante do desconhecido, desse horror ao “um”, que quase toda a literatura contemporânea foge. Pois é aí, justamente, que os escritores mais corajosos, e Piglia foi um deles, jogam suas principais cartas.

Para refletir sobre a diversificada obra de Piglia, é preciso, ainda assim, partir de algum ponto fixo, de alguma plataforma — mesmo que forçada, ou falsa —, ou simplesmente nos afogamos. Por isso, escolho — sempre escolho — *Nome falso*. Livro em que, para começar, ele homenageia seu mestre, Roberto Arlt (1900-1942). Não só homenageia: funde-se a ele. Note-se que em apenas dois anos, 1941 e 1942, as existências dos dois escritores argentinos se cruzaram. Mas não se trata de um encontro na esfera do tempo cronológico; trata-se, em vez disso, de um encontro espiritual — e aqui, apesar de me esforçar e de não apreciar a solução que ofereço ao meu leitor, não encontro palavra melhor. Para apresen-



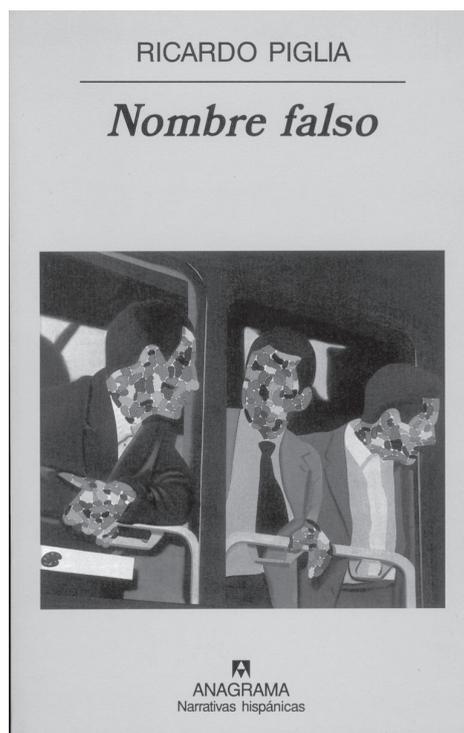
tar um texto inédito de Arlt, “Luba” — um relato sobre a solidão e a tristeza —. Piglia decide escrever um livro que publica sob seu próprio nome. Com isso como mais tarde nos explicou, submette-se à mesma prova de Max Brod, o amigo com quem Franz Kafka deixou seus originais antes de morrer, que poderia, por exemplo, ter publicado o romance *O castelo* como seu, mas, em vez disso, não traiu Kafka — embora tenha traído seu desejo de que todos os seus originais fossem queimados.

Também Piglia não trai Arlt, ainda que, sem nenhuma hesitação, trate de reconstruir o seu próprio Arlt. Atribuída ao mestre, a epígrafe do livro de Piglia resume o abismo sobre o qual ambos ergueram suas obras. “Só se perde o que realmente não se teve”, ela diz. É nesse sentido que para Piglia, tudo, absolutamente tudo pode se converter em literatura e em ficção. Tudo pode (e deve) ser devorado e transformado em palavras. Transmutar a vida em ficção é um procedimento através do qual a realidade se salva e se perpetua. (E, nesse aspecto, a estratégia de ambos se aproxima de outra, geograficamente distante: a de Arthur Bispo do Rosário). A compulsão à transformação é, por fim, o motor de sua literatura. Piglia admirava o estilo mesclado (mestiço) da escrita de Arlt, um dos motivos pelos quais o adotou como mestre póstumo. Considerava Arlt um escritor político, não porque ele retratasse a realidade social, mas, ao contrário, porque desprezava os elementos conjunturais, preferindo — como um engenheiro, que se interessa mais pelas fórmulas matemáticas do que pelo cimento armado — se ater às leis gerais que movem a sociedade. Politizar não é espelhar o real, mas sim decifrar a forma como ele se constrói, pensava Piglia. Nesse aspecto, a literatura se oferece como um potente instrumento de interrogação.

MEMÓRIA

Nome falso ilustra uma das mais caras teses de Piglia: a de que não interessa saber como a realidade aparece na ficção, mas, ao contrário, o quanto de ficção constitui o que chamamos de realidade. Também Arlt acreditava que a realidade é trabalhada pela ficção, é construída por ela. Não apreciava as ficções fáceis, como o cinema, o folhetim e, sobretudo, o jornalismo, que via como máquinas de criar ilusões sociais. Como Piglia, ele preferia ver a ficção não como um efeito enganador, mas como a alma do real. Escrever ficções é uma forma de se ter aquilo que, de outra forma, não se tem. As ficções que o interessaram, porém, não foram aquelas que contamos às crianças na esperança de que adormeçam; ao contrário, mas aquelas que nos agitam e que lemos não para dormir, mas para despertar.

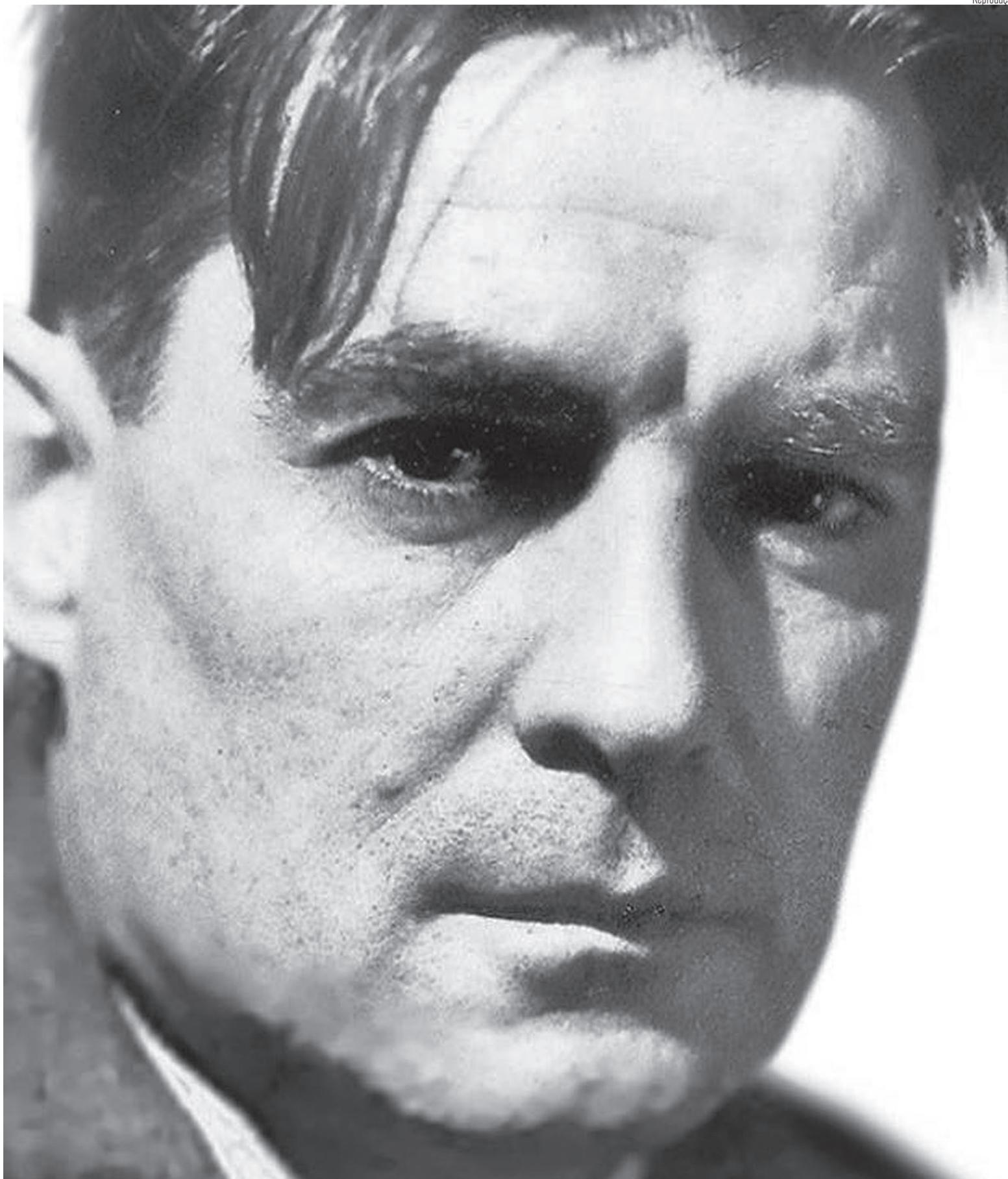
Logo na abertura de *Nome falso*, Piglia adverte seu leitor: “O que estou escrevendo é um informe, ou melhor, um resumo: está em jogo a autoria de um texto de Roberto Arlt”. Não é só esta autoria que está em jogo, porém. A autoria do próprio texto de Piglia — que inclui o conto “Luba”, apresentado como um relato inédito de Arlt — provoca uma grande instabilidade. A literatura — mesmo aquela construída com mais esmero — não existe para explicar nada. A ficção é fortemente opaca — algo muito diferente dos “textos claros” pedidos, hoje em dia, pelo mercado editorial. Um pensamento de Piglia, que ele me deu de presente em um encontro que tivemos ainda nos anos 1990 e que trago anotado em um antigo caderno, resume esse impasse: “O grande problema do escritor no mundo de hoje é o êxito. No século XIX, o escritor era um homem em eterna aliança com o fracasso. Era o maldito, o incompreendido, era Baudelaire. Hoje é o contrário: o escritor se tornou a imagem por excelência do homem bem-sucedido, que se mexe na mídia com desenvoltura, que



sabe agir. O êxito, e não mais a maldição, se tornou o seu grande problema”. Aqui se pode entender parte do fascínio de Piglia por Arlt, um escritor até hoje incompreendido, muitas e muitas vezes criticado por sua “escrita suja”, por seu desleixo, por seu mal acabamento. O fascínio de Piglia pelo desvio, pela turvação e pelas fronteiras longínquas o levou a Arlt.

Arlt interessava a Piglia porque sua escrita imperfeita avançava na direção contrária da homogeneização que domina a literatura de hoje. Enquanto a maioria dos escritores se torna intercambiável — não se sabe mais quem escreve o que —, o leitor pode até não gostar de Arlt, mas sabe exatamente quem ele é. A construção dessa singularidade está na base na luta intelectual de Piglia. Sempre desejou ser, a cada novo livro, um novo escritor. Só assim poderia fugir do gosto médio, caracterizado por uma linguagem limpa e neutra, que define a produção literária contemporânea. Nesse aspecto, Piglia foi um escritor muito solitário — e desse aspecto, ainda que em outro estilo, se aproximava de outro grande escritor que também acaba de nos deixar, o brasileiro João Gilberto Noll. A solidão como fermento. A solidão como o estado ideal para um escritor. A solidão como uma maneira de fazer companhia a si mesmo. “No início, todo escritor tem relações intensas com outros escritores”, me disse Piglia — em uma longa conversa que, depois, transformei em uma entrevista para o “Caderno 2” editado por Evaldo Mocarzel. “Mas só no início. E temos a sensação de que estamos de acordo em muitos pontos, bem mais do que realmente estamos. Mas o trabalho, o avançar da escrita, vem afastar o escritor de seus pares. Afir-mam-se, então, as diferenças, e restam as amizades.”

No centro da ficção de Piglia está, quase sempre, a questão da verdade — ou, dizendo melhor, da impossibilidade, da inconstância da verdade. E, portanto, da falsidade também. Da ficção. Ele via em Roberto Arlt uma espécie de “quixotismo negativo”: para ele, a literatura tinha sempre não um efeito esclarecedor e apaziguante, mas um efeito perturbador e criminoso. Apreciava não só o estilo mesclado, mas o espírito excêntrico de Arlt. A verdade se acomoda exatamente nessa ausência de centro — nesse abismo. Lidamos, todo o tempo, com nomes falsos, com os quais tentamos capturar uma pequena parte da verdade. A própria assinatura de um autor — Ricardo Piglia, por exemplo, ou Roberto Arlt — é problemática, e é disso que se trata também em *Nome falso*. A ficção de Piglia nos ensina a duvidar das verdades acabadas e a observá-las como construções, que podem ser demolidas, que são intercambiáveis, e, sobretudo, que são construídas. Lembrava Piglia, com frequência, que as marcas de nosso tempo são o complô, a conspiração, a maquinação, o mecanismo oculto, a razão secreta. No Brasil de hoje — regido pela ideia da delação — essa verdade se torna ainda mais gritante.



Reprodução

Na TV, os comentaristas políticos falam em “paranoia”, ou em “teorias conspiratórias”. Mas a verdade é que a realidade sempre se curva sobre si mesma, sempre se contorce e nos escapa, porque nela algo maquina muito além de nossa percepção. É dessa maquinação distante, mas terrível, que a ficção tira sua força.

No livro *O laboratório do escritor*, Ricardo Piglia faz uma importante referência a Robert Musil e seu célebre romance, *O homem sem qualidades*. “A história deste romance se reduz ao fato de que a história que nele devia ser contada não foi contada.” Alguma coisa — talvez a parte principal — sempre sobra fora da escrita. Sempre escapa. Alguma coisa simplesmente não encaixa e não entra. É por isso que os melhores romances, ainda que à sua revelia, sempre trabalham com nomes falsos. Com palavras falsas ou, pelo menos, insuficientes. Também nas assinaturas dos escritores não podemos confiar, na medida em que elas nada garantem a respeito do que se escreve. Também a assinatura de Ricardo Piglia é insatisfatória para abarcar o mundo que sua escrita construiu. A ficção está muito além do nome. Como se os verdadeiros nomes, as verdadeiras palavras, sempre se calassem. ■

 **José Castello** nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1951. É jornalista e escritor. Nos anos 1980, foi editor do caderno “Ideias”, do *Jornal do Brasil*. Também foi colunista dos jornais *O Globo* e *O Estado de São Paulo*. Escreveu, entre outros livros, *João Cabral de Melo Neto: O homem sem alma*, *Vinicius de Moraes: O poeta da paixão e Ribamar*. Seu mais recente livro é o infantojuvenil *Dentro de mim ninguém entra*. Castello vive em Curitiba (PR) desde 1994.

ACADEMIA COMERCIAL

Esta crônica integra o livro *Sátiras & outras subversões*, que traz textos de Lima Barreto publicados sob pseudônimo e que permaneceram desconhecidos dos leitores por mais de um século

Alguns homens de boa vontade resolveram fundar nesta cidade um alto estabelecimento de instrução comercial. É intuito deles banir do seu ensino todo o pedantismo, todo o luxo teórico; fazê-lo prático, moderno, à americana. De tal modo o querem que, ao fim de um curso de pequena duração, o aluno poderá, sem dificuldades e hesitações, colocar-se à testa em uma loja, gerindo-a com o desembaraço e a segurança de um velho negociante com vinte anos de prática.

Além de negociantes propriamente, a academia visa sobretudo formar magníficos caixeiros, caixeiros magnéticos, com virtudes de ímã, capazes de solicitar, de empolgar, de atrair a freguesia. O curso elementar, destinado ao pequeno comércio, a retalho, fixo e ambulante, foi organizado sob tais bases, com uma felicidade de pasmar.

A academia não ficará instalada num enorme edifício, grandioso e inútil para os fins a que se destina, e sobretudo favorável à criação de um espírito de escola, de camaradagem, indigno da luta comercial. As aulas funcionarão em pequenas casas situadas nas regiões da cidade em que atualmente mais florescem os gêneros de comércio que pretenderem ensinar.

Conversando com um dos iniciadores, tive ocasião de receber a confidência da metodologia própria do estabelecimento.

Na rua da Alfândega, entre Núncio e São Jorge, será es-



Reprodução

tabelecido o curso de venda ambulante de fósforos. A aula ficará a cargo de um velho turco, afeito ao negócio, cujas calças curtas, rendadas nas extremidades, beijando os canos das botinas muito grandes, permitem que se veja um belo pedaço das suas canelas felpudas. Possuidor de voz roufenha e lenta, mas penetrante e persuasiva, toda a manhã o venerável catedrático, no centro dos jovens discípulos, marcando o ritmo com uma varinha auxiliar, fá-los-á repetir uma, duas, mil vezes: — Fofa barato! Fofa barato! Duas caixa um tostão!

Este curso durará seis meses, dando direito a um atestado de frequência.

A aula de jornalismo (venda de jornal) será dada em frente ao *Jornal do Brasil*, de madrugada, e admitirá um número restrito de alunos, portadores de atestados valiosos de que sabem tomar o bonde andando. Os cocheiros e recebedores de bonde e os baleiros são pessoas idôneas para passar o atestado.

A aula de fregue, cuja sede deverá ser no largo da Sé, ficará dividida em duas partes: cantata da lista e encomenda do prato à cozinha.

Os discípulos serão obrigados a repetir, em



Reprodução

o título de bacharel em lista cantada e dando direito a um anel simbólico.

Afora estes, haverá o curso de barbeiro, de café, de engraxate e outros; o mais difícil, porém, há de ser o armarinho, cuja aula funcionará nas proximidades da rua do Ouvidor, numa grande sala, guarnecida de assentos em anfiteatro, como nas grandes escolas.

Alguma dama facilmente adaptável figurará como freguesa atendida pelo professor, que perpetrará os lânguidos olhares de uso nesse comércio, ajudando-a na escolha das fazendas, cortando o padrão com elegância e dizendo frases amáveis e espirituosas: Em si, toda a fazenda vai bem; quem quer casa, caça.

Durará dois anos, este curso, e conferirá o grau de doutor em artigos de armarinho e boas maneiras.

Semanalmente, ao jeito de conferências, haverá duas aulas gerais, cuja frequência será obrigatória aos alunos de todos os cursos: a de dança e a de literatura.

Desta última, dizem, vai ser encarregado o sr. João do Rio. Nas suas linhas gerais, eis aí como vai ser a nova Academia Comercial. ■

coro e na toada de uso, todo um imaginário e pantagruélico menu: carne-seca desfiada, bacalhau à portuguesa, arroz com repolho etc, etc.

O lente, um gordo e aposentado proprietário de uma casa de pasto da rua da Misericórdia, sentado a uma mesinha, com uma toalha eloquentemente imunda, dirá subitamente:

— Traga um arroz e um bacalhau, seu Manoel!

O discípulo correrá até o fundo da sala e, com a voz clássica, gritará:

— Salta um chim e um bacalhau!

O tirocínio acadêmico durará um ano, conferindo



Reprodução

 **Afonso Henriques de Lima Barreto** nasceu e morreu no Rio de Janeiro (1881 - 1922). É um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos. Foi colaborador de diversos jornais e revistas de sua época, onde publicou grande parte de sua produção literária. É autor dos célebres romances *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (1909) e *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911).



PROGRAMAÇÃO

BPP promove bate-papos e oficinas com autores brasileiros

Até dezembro, um time variado de escritores ministra cursos e participa do projeto Um escritor na Biblioteca

JOÃO LUCAS DUSI

Ao longo de 2017, a Biblioteca Pública do Paraná realiza uma intensa programação cultural. Ao todo, estão programados 10 encontros do projeto Um escritor na Biblioteca e oito Oficinas de Criação Literária e Ilustração.

Os bate-papos da série Um escritor na Biblioteca tiveram início com os escritores Ruy Castro (março) e Paulo Venturelli (abril). Os encontros seguem até dezembro e vão reunir grandes nomes da literatura brasileira contemporânea. A seleção dos convidados conta com cronistas (Xico Sá), jornalistas (Zuenir Ventura), biógrafos (Lira Neto) e romancistas (Ana Miranda). Além de mesclar jovens autores (Daniel Galera) e vozes mais experientes (Marina Colasanti).

Criado nos anos 1980, o projeto traz ao auditório da Biblioteca autores brasilei-

ros para bate-papos sobre suas carreiras e obras. Após hiato de mais de duas décadas, o evento foi retomado em 2011. Desde então, mais de 40 autores já conversaram com os leitores da Biblioteca. A programação é mensal e gratuita. As conversas são gravadas e publicadas no **Cândido**. Posteriormente também são reunidas em livro.

Oficinas

A variedade de nomes e temas também é a tônica da programação das Oficinas de Criação Literária e Ilustração. O primeiro curso acontece de 15 a 17 de maio, com o romancista Luiz Antonio de Assis Brasil. O prosador gaúcho irá discutir os elementos básicos da narrativa ficcional (conto, novela e romance).

Haverá ainda oficinas de crônica (Joaquim Ferreira dos Santos), romance (Reinaldo Moraes), conto (Nelson de Oliveira) e poesia (Paulo Henriques Britto), entre outros gêneros.

Os cursos promovidos pela BPP são gratuitos e buscam aliar teoria e prática à experiência dos convidados, colocando o público em contato com diversos gêneros sob a perspectiva dos principais autores da literatura brasileira contemporânea. ■

Renato Parada



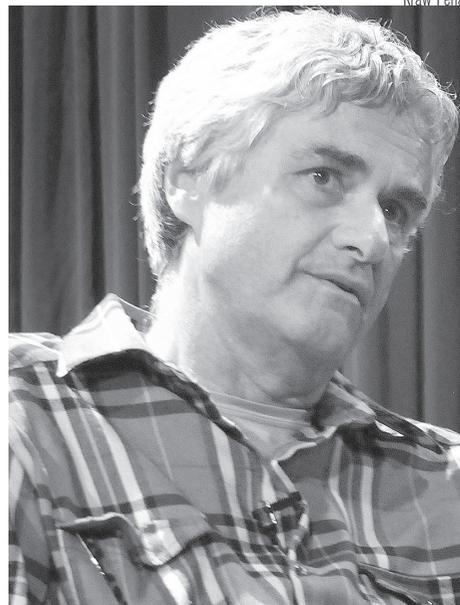
Autor do romance *Meia noite e vinte*, Daniel Galera fecha a temporada 2017 do projeto *Um escritor na Biblioteca*.

Divulgação



A escritora Ana Miranda conversa com os leitores da Biblioteca no dia 11 de julho.

Kraw Penas



Reinaldo Moraes, autor dos livros *Tanto faz e Pornopoeia*, conduz oficina de romance em junho.

Bruno Veiga



Joaquim Ferreira dos Santos ministra curso sobre crônica em outubro.

UM ESCRITOR NA BIBLIOTECA

Maior, dia 16 – Fabrício Carpinejar

Junho, dia 29 – Zuenir Ventura

Julho, dia 11 – Ana Miranda

Agosto, dia 1º – José Luiz Passos

Setembro, dia 12 – Lira Neto

Outubro, dia 10 – Marina Colasanti

Novembro, dia 7 – Paulo Lins

Dezembro, dia 5 – Daniel Galera

OFICINAS DE CRIAÇÃO

Maior – Narrativas, com Assis Brasil

Junho – Romance, com Reinaldo Moraes

Julho – Poesia, com Paulo Henriques Britto

Agosto – Ilustração editorial, com Samuel Casal

Setembro – Conto, com Nelson de Oliveira

Outubro – Crônica, com Joaquim Ferreira dos Santos

Novembro – Tradução, com Rubens Fieigueiredo

Dezembro – Ilustração, com Roger Mello

Palestra de Manguel discute o futuro do livro

Elisandro Dalcin



DA REDAÇÃO

A Biblioteca Pública do Paraná recebe no dia 26 de maio o diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, Alberto Manguel. Com início às 19h30, o evento faz parte das comemorações de 160 anos da BPP, completados no dia 7 de março. Autor de dezenas de livros, Manguel vai falar sobre sua experiência de leitor, a íntima relação que mantém com as bibliotecas, além de outros assuntos relacionados à própria obra ficcional. A entrada é gratuita. Haverá tradução simultânea da palestra.

Além de ter escrito vários

romances (*Todos os homens são mentirosos*, *Stevenson sob as palmeiras*, entre outros), Manguel também é reconhecido por suas obras de não ficção, como *Uma história da leitura* e *A Biblioteca à noite*, livros que — a partir da vivência do autor — tratam do encantamento do ser humano com a leitura e os livros ao longo dos séculos. O seu mais recente livro publicado no Brasil é *Uma história natural da curiosidade* (2016), obra que mapeia os textos e autores que o inspiraram ao longo de sua vida de leitor.

Nascido em 1948, Alberto Manguel afirma que tomou “consciência do mundo” por meio dos livros. Mas a verdade

é que conhece ambos — os livros e o mundo. Por ser filho de embaixador, foi alfabetizado em alemão e inglês, passou a infância em Israel, a adolescência na Argentina e a vida adulta entre Inglaterra, Espanha, Itália, Taiti, Canadá e França.

A palavra escrita, no entanto, sempre foi seu território. Desde criança, encontrou na literatura um lugar seguro e uma companhia prazerosa, uma forma de ordenar o caos do mundo e a liberdade para imaginá-lo.

Em entrevista ao **Cândido**, o escritor falou sobre esse primeiro contato com a leitura, experiência que o define ainda hoje. “Minha primeira cons-

ciência do mundo se deu por meio da página impressa. Minhas primeiras descobertas foram feitas através dos contos de Grimm, Andersen, Monteiro Lobato, de *As mil e uma noites*. Desde aquelas primeiras tardes, os livros nunca me abandonaram.”

Manguel também deve falar sobre sua amizade com Jorge Luis Borges, de quem se tornou leitor — literalmente e em voz alta — quando o autor ficou cego. A relação com um dos maiores escritores da América Latina inspirou Manguel a construir uma vida em torno da literatura. Inicialmente, como leitor de originais para grandes

editoras europeias. Mais tarde, no papel de antologista, editor e autor de numerosas obras.

Em meados do ano passado, deixou sua biblioteca particular no sul da França para assumir a direção de outra, pública e muitíssimo mais vasta, a Biblioteca Nacional Argentina. ■

SERVIÇO

Palestra com Alberto Manguel

Dia 26 de maio, às 19h30

Haverá tradução simultânea

Auditório Paul Garfunkel, 2º andar

Biblioteca Pública do Paraná (Rua Cândido Lopes, 133, Centro)

Informações: (41) 3221-4917

Gratuito



A MÚSICA DE MOACIR SANTOS, COMO ELA APARECE

para kant não podemos coisar as coisas como elas são
se o alemão tivesse sido contemporâneo de moacir santos
talvez a coisa não fosse bem assim

o filósofo do idealismo ainda teria de sacar alguma coisa de música
afinal, isso é coisa de negro:
"basta colocar um piano na frente deles" (de um modernista de 22)

mas quando duke se viu cara a cara com um piano, disse:
"isto não é piano, é sonhar, ouça..."
assim moacir santos com a boca em seus sopros

já que a tormenta essencial do corpo,
a música: graus de identidade em
impenetrável insubstância ■



 **Ronald Augusto** nasceu Rio Grande (RS), em 1961. É poeta, músico e ensaísta. Entre 2007 e 2012 manteve, ao lado do poeta Ronaldo Machado, a Editora Ébils, voltada para a poesia. Publicou, entre outros, *Homem ao rubro* (1983), *Puya* (1987), *Kânhamo* (1987), *Confissões aplicadas* (2004) e *Cair de costas* (2012). Mantém o blog poesia-pau.blogspot.com e é colunista do site *sul21*. Augusto vive em Porto Alegre (SP).